N.º 1 — 5.ª SERIE JANEIRO DE 1903 9.º ANNO

Voz de Santo Antonio

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII pelo Exc.mo Ordinario e varios Prelados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO -- BRAGA

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO: — *O inimigo não dorme — Lance de olhos sobre o progresso socialista: estatistica, congressos do anno findo. — Conclusões e reflexões.*

O inimigo não dorme. — A Igreja é actualmente guerreada abertamente pelos TREZ GRANDES EXERCITOS: anarchista, maçonico e socialista. Em todos vae medonho progresso.

Alastram-se as ideias por centenares de jornaes partidarios, cresce o numero dos adeptos, e agglomeram-se dia a dia os factos desastrosos para a sociedade religiosa e civil.

Em actividade, pelo msnos em má cara e atrevimento, o SOCIALISMO leva talvez as lampas aos outros. Pelo menos as suas estatisticas e congressos annuaes vão álem de toda a imaginação.

Ha uma barreira que julgo, nunca os socialistas por descarados e corajosos que sejam, chegarão a transpor: o egoismo individual, e o direito de propriedade.

Todo o homem tem a tendencia natural de o ferrolhar o superfluo e negar o necessario ao indigente e a chamar seu, absolutamente seu, o que herdou legitimamente, ou lhe custou suores, ou que d'outro modo legitimo angariou. E por mais que berrem os socialistas, o opulento ha-de chamar sempre seus os contos de réis que adora na burra, e o pobre chamará seus os dois patacos que esconde no pé da meia.

Mas apesar d'esta barreira que qualquer atilado julga insuperavel, ha muito homemsinho, que, apertado pela fome, ou pela cubiça, se deixa illudir com o sonho lindo de ver um dia a humanidade inteira sentada irmâmente á mesma mesa e vestida da mesma peça de panno. Ha muitos milhares de operarios que ainda afagam a esperança de se verem um dia tão igualados ao imperador da Rnssia, que entre elles haja apenas a differença de nome e de posição; quanto a questão de arame iguaizinhos como dois viscondes.

A estatistica d'estes sonhadores é muito numerosa

Leiam-na os meus amigos no *peuple*, de Bruxellas orgão do partido operario belga e verão.

Era a seguinte o que o dito jornal publicava no principio do anno que findou.

Austria, 1.000:000 de socialistas; França, 1.100:000; Dinamarca, 32:000; Inglaterra, 100:000; Italia. 134:696; Estados-Unidos, 14:000; Servia, 50:000; Hespanha, 20:000, Suissa. 36:458; Belgica, 334:324; Allemanha, 2.125:000; Total das nações americanas e europeias mencionadas, 5.200:000.

Como póde examinar o leitor, não estão mencionadas n'esta estatistica, a Argentina, a Australia, o Brazil, o Japão, o Canadá, a Nova Zelandia, Suecia, Holanda, o nosso sempre esquecido Portugal, que tambem por cá tem alguns socialistas, e outras nações. Do que podemos concluir que juntos todos bem juntinhos o total iria para perto de DEZ MILHÕES.

Caspite! Dez milhões de ladrões, se cahissem com vontade e geito sobre os capitalistas e grandes proprietarios, espalhavam-lhes as libras por essa humanidade operaria e faminta n'um abrir e fechar de olhos.

Ora ainda que a mim não façam pirraça, porque não teem que me levar, mas até favor porque sou pobre e sempre me dariam uma esmola, clamo *aqui d'el rei, com a Voz de Santo Antonio*, contra esses MILHÕES DE ASSALTADORES DA PROPRIEDADE ALHEIA. Se teem fome que trabalhem que não falta que fazer; e se são pobres que tenham paciencia como manda o evangelho e a razão.

Ao socialismo ha-de acontecer como aos mais erros de que falla a historia. São como as bolas de sabão que tentam deitar os rapazes; em chegando ao maximo de elasticidade desfazem-se em nada. Quando depois de cansados olharem para a sociedade e encontrarem a classe pobre roendo a codea que ganha diariamente com suores calidos, e o rico a saborear gordo e nedeo os bons boccados, quando depois de se amofinarem acharem esta ordem social repartida em classes distinctas como esteve sempre, então é que desanimarão e largarão as armas.

*
* *

As ILLUSÕES são por vezes poderosissimas principalmente quando dizem respeito ás FELICIDADES d'este mundo: comer bem e vestir melhor com pouco trabalho. Os socialistas vêem em cada anno que se approxima a realisação do seu doirado sonho, e apesar de cada anno que finda ser uma desillusão continuam docemente illudidos.

Ora vejam os congressos que reuniram n'este anno findo.

Em Stuttgart celebrou-se a CONFERENCIA OPERARIA INTERNACIONAL. Estiveram bastantemente representados os socialistas allemães, austriacos, boemios, dinamarquezes, hespanhoes, francezes, holandezes, inglezes, italianos, noroeguezes, suecos e suissos, e não sei se *suinos*.

Foram discutidos tres pontos: soccorro internacional para as greves; estatistica de trabalho, e nomeação de um *comité* incumbido de levar ávante os dois projectos.

O CONGRESSO DE INDUSTRIA TEXTIL reunido em Zurich foi tambem internacional e muito numeroso.

Representaram-se oito nações extrangeiras por vinte e oito mil operarios que tomaram varias resoluções sobre os pontos seguintes: oito horas de trabalho, salario minimo, caixa internacional para ajuda das gréves.

Sobre o ultimo ponto acordaram em que cada um concorresse para a fundação da caixa com quotas pagaveis até ao 1.º de junho.

Pelo meado de junho Stuttegart depois de despedir os operarios conferencistas internacionaes, deu entrada aos congressistas do CONGRESSO DOS TRABALHADORES ALLEMÃES que não foi pouco concorrido.

Compareceram cento e cincoenta e cinco delegados de varias corporações socialistas, que representavam cerca de setecentos operarios.

Figuravam entre estes delegados oito mulheres.

Louvado seja Deus! já aonde chegou esta coisa! E se uma cabeça de homem repleta de socialismo é uma cabeça doida, uma cabeça de mulher em eguaes circumstancias deve ser com certeza um casco doido elevado ao quadrado.

A DEMOCRACIA SOCIALISTA ALLEMÃ reuniu em Munich pela decima terceira vez o CONGRESSO DOS SOCIALISTAS ALLEMÃES. Esta poderosissima organisação socialista conta cincoenta e cinco diarios socialistas, e trinta semanarios e mensaes.

N'este tocou-se na questão religiosa.

Vollmar expressou assim o seu sentir approvado por todos: «Que nos não inquietem os an-

9.º Anno — N.º 1 | 5.ª SERIE | Janeiro 1903

Voz de S. Antonio

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — BRAGA

Ex-Libris O. F. M. LXOES

SUMMARIO

O Congresso de Manheim.
I Parte — **SECÇÃO DOUTRINAL**: A arca de Noé. — Santa Margarida de Cortona. — Espirito de Penitencia. — Indulgencias, etc.
II Parte — **SECÇÃO HISTORICA**: D. Jayme Balmes. — Pensamentos. — Anecdotas e contos moraes.
III Parte — **LEITURAS AMENAS**: O arrependimento.
IV Parte — **CULTO DE SANTO ANTONIO**: O Pão de S. Antonio em Braga, Peniche, Lisboa, Samaões (Chaves), Obidos, Ouro Preto (Brazil), Mesquinhata, Fregim (Amarante), Barcellos, Livramento (Mafra), etc. — Os cofres — Recommendações — Os nossos defunctos.
V Parte — **SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA**: Religião e moral. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — **CHRONICA UNIVERSAL**: Roma, Portugal, etc.
GRAVURAS: Costumes da Madeira. — Claustro Real da Batalha. — Residencia dos Missionarios Franciscanos na Beira. — Vista geral do Cairo.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

Com o anno de 1902 fecha-se a 4.ª serie da *Voz de Santo Antonio,* e ficam cerrados oito annos de lides jornalisticas dizemos de lides apostolicas.

N'essa longa caminhada pelos caminhos tortuosos da imprensa religiosa em Portugal, Deus sabe quantos sacrificios tivemos de curtir e á quantas dedicações foi necessario abalançarmo-nos.

Lá ficam vividos esses oito annos, umas vezes ao lado do povo, modesto mas indispensavel companheiro de trabalho, outras passados em consorcio amigavel com a sciencia e as lettras.

Humilde porta-voz da verdade catholica em Portugal, patrocinados por um santo que metteu peito, hombros e cabeça á propagação universal d'essa verdade, pela sua diffusão trabalhámos, quer nas classes elevadas, quer dentro da arraia-miuda.

Que o nosso trabalho não tem sido perdido de todo, provam-no as assignaturas que diariamente affluem a esta redacção, manifestam-no as muitas cartas de felicitação de nossos assignantes, correspondentes e amigos, evidencíam-no os numerosos centros da *Pia União* e do *Pão de Santo Antonio* que para ahi ficam levantados.

Com tão lisonjeiros precedentes, podemos já suffocar os espinhos que nos vieram á mão n'este afanoso labutar de tantos annos, e proseguimos de fronte erecta e peito sereno a nossa laboriosa jornada.

BIBLIOTECA ORDEM FRANCISCANA DA LUZ

O Congresso de Manheim

Com organisação admiravel e mestria já tradicional acabam de ajuntar-se na Allemanha mais de 50$000 homens para discutir assumptos relativos á religião e á politica.

Ha cincoenta annos pelo menos que os catholicos allemães se reunem periodicamente para versar os interesses religiosos, manifestar suas reivindicações politicas e sociaes, e reformar o programma de suas luctas futuras.

Ao contrario do que succede n'outros paizes em reuniões d'esta ordem, tudo alli é *practico e effectivo*. D'ahi a harmonia mysteriosa entre os votos dos congressos e o pujante desenvolvimento do partido catholico.

Até a ajuizada escolha de Manheim para centro estrategico d'estas manobras nos dá uma idéa da operosidade do partido catholico allemão. Quem não sabe que Manheim é um centro operario muito florescente, posto no ducado de Bade, onde os protestantes se entrincheiraram de ha muito, para de lá desfecharem sobre o catholicismo?

Tambem o congresso organisou hostes aguerridas contra a Reforma, evidenciando-se unido pelas suas mil calorosas provas de dedicação ao Papa, de lealdade ao Imperio, de respeito ao grão duque de Bade, e versando conjunctamente as questões de imprensa e de triumphos parlamentares.

Não se receou tractar nua e cruamente do *catholicismo social* opposto directamente ao catholicismo individual e pessoal. Olhou-se serenamente para a vida activa e practica, isto é, para a vida politica dos catholicos no terreno legitimo das reivindicações.

Congressos assim, são ao lado do partido catholico que lhes é alma, vida, organisação e direcção — *grandes potencias*, forças temiveis em opposição aos desvarios de governos menos humanitarios.

Sociedades litterarias, associações operarias, obras de beneficencia, corporações de toda a ordem, tudo tem contribuido para a fundação e progredimento de um partido notavel que em cada localidade formou commissões eleitoraes, dependentes do Volksverein, encarregado de defender a Egreja e as instituições, mandando ao Parlamento uma vigorosa e unida maioria.

E' pois occasião de prestar homenagem respeitosa aos *chefes espirituaes* d'essa cruzada, aos Bispos, a quem nem a prizão nem o exilio, ao tempo do Kulturcampf, fizeram intimidar. Antes, quanto mais sacodida foi a rajada da perseguição, mais unidos estiveram com seu povo, nas suas aspirações e reivindicações legitimas.

O proprio imperador, a quem não falta a firmeza de timoneiro dextro, apezar de ser protestante, viu na sua sabedoria a necessidade de governar com os catholicos. Pois se elles fazem a maioria no Reichstag e decidem a solução de todas as questões militares, financeiras e sociaes!

Além de liberdade completa, os catholicos conseguiram nomeação a meias (protestantes e catholicos) dos professores das Universidades, d'antes protestantes. O ensino religioso é obrigatorio na escola. As ordens religiosas, já ha muito rehabilitadas, assumem dia a dia novas phases de progresso, e vêem com o apoio e o

favor do Estado, augmentar a sua influencia, na Allemanha e fóra.

Podemos pois reconhecer com legitima ufania que o patriotismo dos catholicos cumpriu com a Palavra de Leão XIII ao general de Loé, representante de Guilherme II:

«A Allemanha é um paiz da Europa onde ainda hoje reina a ordem, o respeito á auctoridade, a veneração á Egreja, é um paiz onde os catholicos pódem viver em harmonia com as suas crenças e exercer afoitamente as praticas religiosas.»

Secção doutrinal

A arca de Noé

Universalidade ethnica

Deixamos os nossos leitores entregues á consideração da justiça de Deus sobre os povos e creio que não terão divergido do modo de ver que expusémos. Deus põe as causas segundas e deixa-as operar na fatalidade de suas leis reservando todo o rigor da justiça para a vida d'além tumulo; a consequencia de tal fatalidade soffrem-na todos por determinação divina — justos ou injustos — a uns servirá de expiação a outros de punição — em nenhum caso, porém, rigorosamente distribuitiva: está só no ceu, ahi e só ahi haverá rigor de contas, o *redde rationem* do Evangelho. Demais, querendo em rigor a justiça distribuitiva e assim toda a humanidade perecesse á excepção dos que entraram na arca (suppondo-os todos justos — *quod est probandum*), importaria, em virtude do mesmo principio que se invoca, que os innocentes escapassem e d'este modo, pelo menos as creanças deviam dar entrada na arca, facto que não consta da Escriptura.

Mas afinal, porque se dirá que toda a humanidade estava corrompida para se exigir um diluvio que se extendesse a toda ella? Só por uma palavra: *omnis caro corruperat viam suam.* Eis a nova questão que precisa por sua vez ser esclarecida, Quem prova que o termo «omnis» abraçava na intenção do escriptor sagrado toda a familia humana? Eis o que se esqueceu e era preciso dizer:

Ponhamos ponto, porém, n'esta questão da universalidade geographica, questão julgada afinal e que hoje entra nas escolas catholicas em todos os manuaes biblicos e compendios de critica e exegese. Ha, a par d'esta questão, uma outra mais melindrosa e que os amigos das conclusões logicas e posições bem definidas, tiraram e, não obstante ainda não colheu a adhesão de muitos exegetas, como Vigouroux, etc. Refiro-me á não universalidade ethnica.

Modernamente talvez não haja questão que no dominio da critica catholica levantasse mais serias tempestades. Empenharam-se n'ella as mais altas intelligencias — Jaugey, Lamy, Kirwan, Harley... Os artigos pró e contra eram furibundos, quasi incendiarios...

Jaugey chamou herege a Kirwan (Jean d'Estrenne) que se atrevera na *Revue des Questions Scientifiques* a fazer umas referencias elogiosas aos escriptos do abbade Motais, do Oratorio, defensor energicamente da dupla parcialidade. O director da revista censurada, Padre Carbonelle S. J., acudiu em defesa do hereje, destruindo todas as considerações de Jaugey e chamando-lhe por sua vez o gendarme da orthodoxia.

Antes d'isto, porém, já Motais, professor de hebreu e hermeneutica em Rennes sustentara polemica rude na controversia com outros exegetas d'alto valor, como Lamy, e diz-se que os ataques foram tão violentos, observou-se tão pouco o conselho de Santo Agostinho — *in omnibus caritas* — que o erudito professor veio a fallecer pouco depois.

As questões não eram discutidas sob o ponto de vista scientifico mas principalmente exegetico. Empenhavam-se sobretudo em mostrar que a Escriptura não contradizia esta nova interpretação, antes a favorecia por vezes, querendo provar mesmo com a Biblia e o diccionario Hebreu na mão que os filhos de Cain não haviam perecido todos no diluvio como até então era corrente, mas escapado muitos e d'elles se fazia referencias no texto sagrado, etc. E' isto tambem que passo a mostrar d'um modo tão claro e tão breve quanto o com-

portem a complexidade e aridez da materia: as razões são duplas, scientificas, e exegeticas. Vejamos as de primeira ordem e depois a sua confirmação escriptural.

Todas as linguas, e isto é um facto assente em philologia, antes de chegarem á sua phase mais perfeita, passam por dois estados; primeiramente é uma simples successão de raizes sem suffixos nem prefixos, e este é o seu estado monosyllabico; d'ahi aperfeiçoa-se de modo a tornar-se agglutinante em que já entram elementos secundaros, modificando a mesma raiz principal para finalmente passar ao estado de flexão em que possue a structura grammatical mais perfeita. Todas as linguas modernas pertencem em geral a este grupo.

Esta lei da successão é tão evidente que ainda hoje se observam linguas agglutinantes caminhando para o estado flexional e tendencia para agglutinação nas linguas ainda puramente monosyllabicas.

E' claro ainda que esta passagem d'um estado simples para outro mais complexo não pode ser subita n'uma lingua, mas o fructo de muitos seculos d'uma evolução muito longa. Sendo assim, põe-se o dilemma: ou Noé e os seus fallavam linguas de flexão ou agglutinantes e não se explica como ainda hoje haja povos seus filhos fallando linguas na sua phase primeira; os chinezes ou fallavam linguas monosyllabicas e então não ha espaço sufficiente que permitta a metamorphose sempre lenta d'um estado n'outro, pois os povos certamente descendentes de Noé fallam todos linguas de flexão.

A conclusão a tirar, diz o parcialismo, a unica solução a dar é reconhecer que nem todas as raças existentes depois do diluvio eram de origem noachica. Antes de concluir, porém, vejamos a resposta do universalismo ethnico.

Essa difficuldade lingustica resolve-se bem: foi na construcção da torre de Babel que por ordem divina as linguas se confundiram, afim de punir a soberba humana.

Esta resposta embora chegue a proposito está muito longe de satisfazer a todos. Ha quem queira vêr na supposta confusão das linguas uma simples divergencia no modo de pensar relativamente á edificação da torre, não uma confusão de linguagem propriamente dita mas de sentimentos apenas. No dizer dos hebraizantes a palavra vertida para o latim «labium» encontra-se na Escriptura setenta e duas vezes e sempre com a significação ou de labio ou de sentimentos, nunca porém de linguagem.

Quando, portanto, Moysés declara não haver em toda a terra senão *unum labium omnibus*, não quer dizer senão que todos quantos estavam na planicie de Sennaar partilhavam dos mesmos sentimentos relativamente á construcção d'uma torre que lhes servisse de refugio, no caso de se verem perseguidos pelos povos vizinhos e que por fim essa harmonia de pareceres se perturbou por determinação divina. Outra explicação será sempre obscura. Não se vê bem onde esteja a vangloria dos homens para merecer um castigo tão singular da parte de Deus; tudo se comprehende ao contrario, se tivermos em vista que Deus não intentara punir um crime que não se vê bem, mas só impedir que a ascendencia do futuro Messias fosse perdida pela corrupção imminente.

Esta mesma necessidade de refugio contra os ataques de povos extranhos (o que consta clarissimamente do texto original), ainda admittindo a confusão das linguas no sentido que até hoje lhe tem sido dado, mostra que nem só na planicie de Senaar havia povos, mas que outros estariam dispersos e lhes levariam a guerra, que suas linguas não foram confundidas, etc., etc.

Não se póde, pois, ir ahi buscar a solução da difficuldade a contento de todos: onde estará pois? Noé, dizem, fallava uma lingua monosyllabica e a sua evolução para uma fórma mais perfeita deu-se atravez das gerações de seus descendentes. Sendo assim, como encontrou Cham negros fallando linguas agglutinantes, isto n'uma epocha que os monumentos egypcios mostram ser muito approximada do diluvio?

Não ha tempo para tal metamorphose. Não indicará isto que nem todos os povos eram originarios de Noé?

Ainda se replica: nas genealogias dos patriarchas post-diluvianos ha omissões de nomes, sendo o numero dado puramente mnemotechnico. Faltando annois n'essa cadeia podemos fazer recuar o diluvio quanto seja necessario.

Seja; mas erguem-se novas difficuldades. Qual o motivo porque Moysés ao traçar as

suas genealogias nunca falla da raça mongolica, negra ou amarella, que já n'aquelle tempo existia e era conhecida no Egypto; isto é, não falla d'aquelles povos que precisamente fallam linguas que a chronologia não permitte prender ás certamente noachicas?

Porque motivo as linguas da flexão só são falladas pelas raças brancas (com certeza originarias de Noé) e as demais só por povos esquecidos nas genealogias de Moysés? Porque differença tão grande nos gostos, costumes e civilização dos individuos noachicos e não noachicos (no dizer do parcialismo), porque serão quasi irreductiveis as suas linguas, tal a difficuldade em as ligar?

Devemos concordar que taes coincidencias fazem pensar e levam-nos instinctivamente a procurar-lhes o segredo.

Não se póde dizer que Moysés desconhecera estes povos omittidos em suas genealogias porque o historiador sagrado guarda silencio absoluto a respeito de povos apresentados n'outras partes como mantendo relações muito directas com os Hebreus. Seu silencio parece systematico e premeditado. O universalismo ethnico vê-se embaraçado para responder a tal difficuldade e confesso que nenhuma das conjuncturas propostas me satisfez. Só me agradou uma porque ao tempo que explica cabalmente o plano e o intento de Moysés n'essa omissão, poz bem em relevo a racionalidade da these moderna. Esta explicação repousa sobre a leitura e o exame attento dos livros de Moysés. Este escriptor nunca passa a uma biographia sem que previamente termine outra já começada: assim, nada dirá de Jacob sem que previamente tenha historiado todos os factos concernentes a Esaú; antes de fallar de Adão e abrir as suas genealogias conta a creação geral do mundo, etc.; do mesmo modo antes de fallar dos Sethistas deixa narrado tudo quanto respeita a Cain e Abel. A sua obra é, pois, methodica, nunca desordenada, não é um conjuncto de factos narrados sem ordem, mas antes todos subordinados a uma ideia grandiosa, traça as origens do Messias pela via dos filhos de Deus os Patriarchas. D'este modo póde dizer-se que o genesis começa propriamente no cap. v — *Liber generationis Adam* — os precedentes constituem no prologo: a principio a historia da humanidade, depois a do povo Hebreu e do Messias.

E' claro, pois, que se Moysés depois de ter completada e fechada toda a historia de Cain fosse no Diluvio referir acontecimentos relativos ao fratricida, ennumerando as raças que d'elle haviam provindo, o que de resto nada importava ao seu fim, seria reabrir e fazer uma historia inutil, e, sobretudo contradizer-se no seu plano, ao mesmo tempo chronologico e de eliminação.

A conclusão a tirar de tudo quanto deixei dito é que embora a sciencia não decida se o diluvio se extendeu a todos os homens, pelo menos diz que o affirmativo é improvavel.

Embora, porém, este modo de vêr possa ser e seja realmente muito discutivel, comtudo será bom lembrar que tambem seus auctores avançaram affirmações a principio arrojadas, mas que hoje estão recebendo a mais plena confirmação, e sobretudo porque é preferivel os catholicos abrirem as questões livres a esperar que ámanhã venha o racionalismo impôl-as e annunciar mais uma vez triumphantemente e com certo fundo de razão que a sciencia com suas descobertas vae fazendo recuar a religião, etc., etc.

Ponhamos de parte, porém, tudo isto, vejamos se na Biblia se encontrará não digo uma demonstração peremptoria da sobrevivencia dos filhos de Cain ao diluvio, mas ao menos indicios que encaminhem legitimamente a esta conclusão. Esses indicios pullulam em toda a Escriptura e seria tarefa bem arida expôl-os todos, com as diversas interpretações que lhes assignaram os commentadores de todos os tempos. A opinião preconcebida da destruição total dos viventes pelo diluvio fez com que se alterasse a accentuação e ortographia d'uma palavra que a Vulgata traduz por Cin e não é outra cousa senão o nome de Cain em hebreu como a juizo de todos os exegetas os interpretes israelitas fieis ao texto lêem e traduzem.

Uma das provas mais frisantes para mim é a dos numeros xxiv-17. Balaam do alto do monte Phegor é arrebatado subitamente em espirito prophetico e enviado por Balac para amaldiçoar Israel, voltando-se para as regiões que se extendiam a seus

pés exclama sem querer: «Uma estrella sahirá de Jacob e um sceptro de Israel. Ferirá as duas fronteiras de Moab e destruirá os filhos de Setto.

Em seguida volta-se para o lado dos Cainitas *vidit quoque Cinaeum*, diz a Vulgata e exclama ainda: «elle deve ser exterminado, elle tambem, Cain.»

O confronto é admiravel e faz pensar. Se se quebra o parallelo entre os dois filhos de Noé a prophecia fica d'uma obscuridade impenetravel, pois d'este modo ter-se-ia d'admittir, á falta de melhor explicação, que os filhos de Israel irão á destruição da humanidade inteira, originaria como é de Setto.

O desaccordo gigantesco e as explicações pueris dos commentadores sobre esta passagem são uma prova indirecta e cabal a meu vêr da existencia de raças cainitas. Estas provas podiam desenvolver-se, mas faço ponto n'esta questão; demasiado longe fui eu, contra a minha expectativa não obstante ter usado quasi sempre do estylo mais attico possivel.

Resta-me declarar que se n'estes escriptos ha alguma cousa de bom no raciocinio e na argumentação isso é dos auctores em que me inspirei d'elles é exclusivamente a obra que esboçei a traços geraes.

O que, ao contrario, ha de mau é o crivo por onde passaram, pois, como acabo de dizer os auctores são bons, excellentes, profundamente eruditos.

LEAL.

SANTO PROTECTOR DO MEZ DE FEVEREIRO

Santa Margarida de Cortona — Cortona, pequena cidade de Italia, foi uma das mais celebres pelo espirito christão na Edade Media.

Esbraceja preguiçosa e melancolicamente as suas ruas medievaes por entre os palidos olivêdos, que cobrem a encosta do monte que lhe serve de pianha. A grossa muralha secular que a cinge completa-lhe o melancolismo caracteristico que contrasta sympathicamente com o pitoresco do vale que se estende magnico e bello lá em baixo unindo a Umbria á Toscana.

Foi este o palco em que viram os velhos cortonezes representar-se ha quasi oito seculos, o drama de profunda sensação que vamos resumir agora.

Pelos annos de 1254 os aldeões de Laviano, povoação vizinha de Cortona, acompanhavam á ultima jazida o esquife d'uma modesta camponeza da sua aldeia. Acompanhava o prestito funebre um honrado lavrador que com a esquerda pegava pela mão a uma menina de sete annos, debulhada em lagrimas e com a direita disfarçava o pranto que lhe rebentava francamente dos olhos. Era a viuvez e a orphandade, orvalhando de saudade christã o cadaver da esposa e da mãe que a morte lhe roubara e que a terra ia esconder-lhes.

Fechou se a sepultura. Para consolo da sua viuvez tinha o desditoso lavrador a companhia da pequena Margarida, flôr adorada d'aquella aldeia.

Correu-lhe a vida pesada e triste n'aquelle ninho sem mãe, n'aquelle thalamo sem esposa.

Por fim amores da terra com o tempo vão. Tornou a casar-se.

Com os cuidados da nova familia a educação da gentil orphão foi posta de parte. Margarida era pouco mais que uma creada na casa do pae.

Foi crescendo ao abandono aquella flor sem mãos caritativas de jardineiro que a cultivasse, que a abrigasse da geada no inverno e dos calores no estio.

Completou assim os oito annos. Vieram os nove, após os dez e os onze e com o vir dos annos ia desabotoando as petalas aquelle coração lançado á ventura ainda em botão. Chegou a edade dos quinze; edade em que o coração juvenil é rosa aberta aos perfumes de todos os affectos. Oh! se tivéra então Margarida um coração materno que lhe soubesse verter na alma a essencia do amor divino, e desviar-lhe do coração em flôr, os affectos mundanos e enxotar-lhe para longe o lascivo zumbir de zefiros enganadores, que Margarida não crearia em Laviano o ceu! mas era orphã. Para uma alma grande e juvenil ainda ha desdita que eguale a perda de uma boa mãe.

E' um dom extraordinario de Deus um coração grande, mas quando lhe falta um educador intelligente que lhe dirija as aspirações e os affectos, é um triste azar. Melhor fôra então sentir no peito o pulsar sêcco d'um coração duro como ferro e frio como marmore, impenetravel aos raios calidos dos amores do mundo.

N'aquella edade conhecia muito bem já o mundo e seus prazeres e, borbuleta inconstante deixou-se fascinar d'elles. Conhecia que tinha prendas de alma e de corpo capazes de attrahir a juventude louca de gosos da carne como ella, que não lhe faltaria que gosar no caminho do prazer e lançou-se ás cegas para onde o coração a inclinava.

Os tres annos seguintes foram um louco progresso no crime. Os aldeões de Laviano que tanto a adoraram quando creança, detestavam-na agora como o escandalo da sua aldeia.

Não consta que fizesse até então do crime o seu publico ganha pão; mas via-se rodeada da mocidade mais suspeita d'aquelles arredores que borboleteava doida em torno d'ella, entrava sem receio em pleno dia nas casas de má fama, e não havia baile, espectaculo ou festim de moral livre onde não comparecesse a perdida Margarida.

Ia em desoito annos. Estava-se em 1265. Certa noite o pae da perdida donzella ao recolher a casa das fadigas do campo, deu por falta de Margarida quando se sentou a cear, mas não se preoccupou com isso porque não era novidade. Deitou-se. Ao outro dia ao almoço Margarida não estava á mesa. Anoiteceu e ella sem entrar

em casa. Succederam-se muitos dias sem haver noticias d'ella. O aldeão vivia despreoccupadamente, entretido nos seus negocios familiares como se nada acontecera: era uma creada, uma estrangeira ao seu coração, que sahira de sua casa, era um escandalo que por boa sorte lhe tiravam da familia, e nada mais para aquella alma fria e indifferente aos seus deveres de pae

Passadas algumas semanas começou a constar pela aldeia que Margarida vivia criminosamente com um fidalgo muito rico de Montepulciano. A noticia foi-se alastrando; todos confirmavam o facto.

Era certo: Margarida tinha fugido de casa, pela noitinha com o gentilhomem d'aquella villa.

Margarida, devia achar-se feliz agora: nada lhe faltava para realisar a vida de prazer que sonhara aos quinze annos. Era rica, tinha um palacio nobre onde viver luxuosamente, podia subrepujar a todas as damas de Montepulciano e Cortona celebres pelo luxo e gentileza de formas, o seu amante esforçava-se por fazel a o idolo da nobreza d'aquellas cercanias; que mais havia a desejar do mundo para uma jovem vaidosa?

Havia. Margarida sentia no intimo da sua alma um vacuo que nunca enchera em tantos annos de gosos mundanos. Faltava-lhe a paz interna filha da boa consciencia, esse dom celeste sem o qual todo o prazer é amargo Apesar de vaidosa até parecer fazer alarde da sua criminosa vida, nunca esquecera os conselhos de sua boa mãe, nunca faltara ao respeito para com a religião e assistia ás suas funcções com porte digno e sabia como preencher aquelle vacuo da sua alma cada vez mais espaçoso, como calar as vozes da consciencia cada vez mais inquieta; mas a razão já não tinha força para domar a vontade desenfreada e cega pelas paixões.

Continuava a deixar-se ir agua abaixo na torrente caudolosa do crime, cujas aguas nunca suppôs tão amargas.

E quem lhe adivinharia a dolorosa guerra da sua consciencia, quando a via atravessar as ruas de Montepulciano e as praças de Cortona, montada n'um magnifico cavallo, trajada de roçagantes sedas, recamadas de ouro, o colo circulado de colares de perolas, fronte altaneira, olhar fingidamente despretencioso, e galanteios soberbamente magestosos? Quantos pelo contrario a não apontariam como symbolo da felicidade e lh'a ficariam invejando?

Como é certo que o remorso habita os nobres palacios e as almas dos grandes do mundo, como casa sua, qual verme que engorda no amago do mais bello pomo! e ao contrario como brilha a felicidade no coração bom, embora pulse sob os andrajos do mendigo quasi nú!

Correram os annos assim. Margarida sentia na sua alma o espicaçar do remorso cada vez mais pungente, e as vozes da consciencia não a deixavam gosar ja o suave falso dos festins mundanos.

A vida peccaminosa que abraçara delirante, tornara-se lhe um fardo importuno, e o prazer um amargor horripilante.

Quantas vezes o gentilhomem de Montepulciano não a foi encontrar na solidão do campo, quando veraneavam fóra da villa e nos aposentos do seu palacio sozinha, a scismar com a fronte recostada na direita e as lagrimas a cahirem-lhe gotta a gotta no regaço! Quantas vezes não respondeu ás suas perguntas inquietas, com um inutil — Não é nada, são scismas de mulheres — mas que era muito, porque era o scismar de um coração que luctava dentro de um peito em trevas com o real phantasma do remorso!

Um coração grande no crime é grande tambem para a concepção das verdades eternas, grande para o pavôr que por si mantem na alma criminosa, e grande no remorso.

Que dolorosos e atrozes não seriam os combates travados no interior d'aquella solitaria quando se punha a scismar nos seus desvarios em que se tornara famosa!

Margarida sentia a necessidade de deixar aquella vida já longa, para ser feliz; desejava até emendar-se, mas não tinha força. Era um enfermo que anceava ver a luz do sol, mas a quem não deixa erguer-se a falta de forças.

—Até quando, Margarida, diziam-lhe ás vezes as pessoas piedosas, has de ser o escandalo d'esta provincia?

—«Não vos inquieteis, respondia lacrimosa, tempo haverá em que me chamareis santa; dias virão em que, vestidos de peregrino com bordão na mão e romeira aos hombros, visitareis o meu sepulchro.»

São presagios no auge do soffrimento os grandes corações: N'um proposito firme e generoso vêem muitas vezes o futuro.

Pelo menos viu o Margarida.

Vae perdida mar em fóra a gondola que o barqueiro descuidado deixou entrar na corrente; por mais que reme desfallecerá sem salval-a. Mas quem duvida que se do ceu vier negra procela e lhe soprar favoravel a levará nas violentas azas ao porto perdido?

Quem como a peccadora de Laviano se lançou na corrente do peccado, e se deixou ir n'ella por longos annos, não tem que esperar salvamento por meios ordinarios; só um impulso extraordinario da graça divina lhe pode valer.

O coração retalhado da Margarida via, não sei a que prophetico clarão, este prodigio da misericordia divina approximar-se d'ella.

Parecia-lhe que o pae de familia já vinha em caminho, em busca do prodigo para leval o a casa; que o pastor divino poséra já os olhos amorosos na ovelha perdida e ia pôl-a aos hombros para leval-a ao redil Presentia tudo isto e quando lhe fallavam em converter-se respondia sempre:

— Esperai um pouco; não vem longe o dia em que me chamareis santa.

Não se enganava. A graça divina ia cahir em cheio sobre aquella alma desnorteada. Era o ultimo abalo, o derradeiro impulso, se Margarida resiste, perde-se.

A famosa peccadora estava, talvez veraneando, n'uma quinta fóra da villa.

Um dia o seu amante saiu para visitar uma herdade que tinha junto á aldeia natal de Margarida, e um pouco retirada, da sua casa de campo.

Chegou-se a hora de jantar e não appareceu. Fazia-se tarde e Margarida começou a inquietar-se com a demora, porque lhe constava que havia por lá quem lhe não queria bem, talvez até questões de ruins ciumes por amor d'ella. Serrou-se a noite. Deitou-se desasocegada com a triste ideia no pensamento que a não largou em toda a noite.

Parecia-lhe que se volteava no leito havia um seculo, e a aurora sem raiar.

Cada golpe de vento na janella era elle que batia. Quantas vezes não levantou a cabeça do travesseiro para escutar um rumor incerto que julgava ser os seus passos.

Raiou por fim o dia e contra o seu costume Margarida levantou-se cedo.

Interrogou creados e lavradores mas não soube noticias d'elle, nem admirava pois havia apenas um dia que tinha faltado; algum negocio extraordinario o teria occupado.

N'esta illusão passou o dia sempre desinquieta, observando de vez em quando pelas sacadas os campos a ver se via alguem.

A noite seguinte foi mais cruel ainda que a anterior. Muito cedo de madrugada manda com toda a pressa um creado em busca do desejado da sua alma desorientada e logo que o sol doirou com os primeiros raios o horizonte poz se á sacada a espreitar todos os caminhos que vinham dar a casa; mas a manhã subia e o seu olhar ancioso não topava com ninguem que se parecesse com o ente que chorava perdido.

Um vulto ao longe, um lavrador que vinha almoçar, o bulir d'um arbusto fazia tremer o coração com um movimento subito de esperança, mas logo se desvanecia com a reflexão da realidade.

Depois de longas horas de expectativa viu galgar ao longe por um carreiro que serpeava por entre o arvoredo um cão em direcção a casa. Era o que acompanhára aquelle que lhe roubára o coração e a virtude.

Desceu para a porta da rua tremula de anciedade. Mas o animal chegou só e com aspecto muito triste começou a ganir dolorosamente e a pegar-lhe pelo vestido como que incitando-a a que o seguisse.

Cerrou-se na alma perdida de Margarida uma noite de trevas; as amargas duvidas tornaram-se-lhe aos latidos do animal, cuja linguagem comprehendeu, em desoladora realidade.

— Está morto!...—, disse consigo, e seguiu cegamente o cão que a levou apressadamente por entre os campos, regatos e sementeiras que se estendiamao longe.

O animal entrou n'um bosque muito espesso. Margarida não se lembrou sequer que era mulher, que estava só, não sentiu o minimo arrepio de medo: seguiu-o sem hesitar. A poucos passos o fiel e atilado rafeiro pára junto de um carvalho secular, arreda com as pátas dianteiras um comoro de folhagem, escava um pouco de terra e n'um instante descobre o rosto ensanguentado de um cadaver. Margarida cahiu de bruços sobre elle, como estatua de marmore a quem subtrahiram repentinamente a peanha.

O tempo que durou este extranho extasis, esta morte de momentos, souberam-no as avesinhas que o espreitaram de cima do copado arvoredo, e o animalzinho fiel que sentado nas patas trazeiras o presenceou magoado.

O certo é que a louca joven levantou-se penitente do solo sobre que cahira peccadora havia alguns instantes e retirou-se deixando semi-sepultado o cadaver dos seus criminaes amores para nunca mais o desenterrar.

Estava começada a sua conversão.

Os juizos temiveis de Deus aterravam-na, mas a bondade divina que ferira com o raio da morte o cumplice dos seus crimes para a poupar, dava-lhe coragem e confiança. Lembrava-se então que Deus realmente não queria a sua morte mas que se convertesse para viver a vida verdadeira da graça.

N'um instante poz em ordem os negocios domesticos e alguns dias depois vestida de penitente e com o filho unico que tinha pela mão batia á porta do pae a quem fugira havia nove annos. Ah! mas muitas vezes os paes da terra não são como o Pae do Ceu! O honrado camponez temendo manchar a sua reputação dando agasalho a uma mulher escandalosa não lhe deu pousada.

Anoiteceu e Margarida, com as lagrimas nos olhos e levando pela mão o seu filho que chorava ao vê-la chorar, foi pernoitar para o quintal do pae.

Agasalharam-na do orvalho da noite as longas folhas d'uma ramalhuda figueira e á creança de poucos annos os seus braços e collo materno.

Que noite! meu Deus, que noite! passaria alli a pobre peccadora!... Quantos remorsos, quantas difficuldades suggeridas pelo demonio, quantas, lembranças de voltar á vida do crime! Mas a lembrança dos conselhos de sua boa mãe que dormia ha vinte annos na egreja que lá adiante avultava como um phantasma nocturno á luz baça do luar, da sua cara mãe que estaria agora a orar por ella mais que nunca, e sobre tudo a graça divina da conservação da sua vida durante quasi vinte annos de peccado, dava-lhe coragem e resolveu partir para Cortona para entregar os negocios da sua alma aos religiosos franciscanos d'aquella cidade de cuja vida austera tanto ouvia falar

Ao outro dia entrava na cidade, atravessou as ruas e dirigiu-se á igreja do convento de S. Francisco. Ninguem se espantou com o facto porque ninguem conheceu n'aquelle trajo esfarrapado, nas faces palidas pelas dores da alma e nos olhos pisados de chorar, a Margarida de Montepulciano, cujo vaidoso fausto as mundanas jovens de Cortona invejaram.

Duas piedosas damas que a acompanhavam e que se tinham interessado por ella perante os religiosos, movidas pelo arrependimento que lhes evidenciava o todo penitente da peccadora, apontaram-lhe o confessionario do então celeberrimo director espiritual, Padre Giunta.

A penitente ajoelhou junto d'elle. Passados alguns minutos ouviu-se bater de mansinho na grade do confessionario. As duas damas deram-lhe signal para que entrasse.

O padre Giunta tinha chegado.

Margarida entrou e ajoelhou-se

Retiremo-nos. Deixemos que a peccadora Magdalena chore e suspire aos pés do representante do Divino Jesus da Bethania, francamente e sem receio da nossa presença. Os anjos do Paraizo esperam, como brancas pombas em bandos, anciosos pelo momento da absolvição, para fazerem festa grande pela conversão da ovelha perdida.

Esperemos tambem esse momento e preparemos o nosso espirito para asistir ao segundo acto d'este drama de que vae ser protagonista a Magdalena franciscana, Santa Margarida de Cortona.

(Continúa)

COSTUMES DA MADEIRA

VIRTUDE PARA IMITAR

Espirito de penitencia — (Continuação) — Como escrevo aqui para as almas piedosas, para esses corações generosos que se esforçam por ser gratos para com Deus, copiando em si mesmas quanto lho permitte a fragilidade humana, as perfeições divinas, e que se não contentam com o mathematico cumprimento dos mandamentos, não fecharei o assumpto sem falar da penitencia exterior, da mortificação dos sentidos.

Apesar da summa importancia d'este tratado que os auctores mais affastados da nossa epocha tratam longamente, é hodiernamente muito descurado pelos directores espirituaes e pelas almas que pretendem subir a escala da perfeição evangelica, quer seculares quer mesmo religiosas.

Ha hoje em volta dos conventos e casas religiosas e em muitos centros de devoção espalhados por toda a parte, christãos de communhão muito frequentes, muitos que se chegam á santa mesa todos os dias, mas que afinal, apesar da boa vontade não passam quasi sempre de umas boas resadeiras: a palavra penitencia arrepia as.

«*A verdadeira penitencia é a do coração e a do espirito* «diz-se muitas vezes entre as pessoas mesmo que professam vida perfeita.

E' uma persuasão commum em que julgo haver um engano grave. Não foi isto o que nos ensinou Jesus quando disse: «fazei fructos dignos de penitencia», nem tão pouco o que nos ensinou com o jejum do deserto, com o frio e pobreza, até miseria do presepio, com as privações que soffreria durante trinta annos na casa de Nazareth, com a fadiga de tres annos de pregação, com as bofetadas e injurias das ruas e tribunaes de Jerusalem, com os açoites de Pretoria, com a morte de cruz.

Porque se não contentou Jesus, o nosso modelo, com a mortificação interna?

Não é isto tão pouco o que nos dizem as historias dos Santos, todas sem excepção, cujas duras asperezas nos espantam; nem é isto o que ensinam os mais celebres auctores de ascetica.

«Não póde dar-se verdadeiro e preseverante amor de Deus, diz o Padre Faber, sem a mortificação externa «com a mortificação interna, continúa o mesmo auctor, não póde haver perseverança na vida espiritual. Certo que a interna é mais necessaria, mas não póde subsistir sem a externa que deve andar sempre em primeiro logar».

A mesma razão que n'um corpo dito immortificado, regalado com todos os bens, n'um corpo a quem se satisfazem os minimos desejos não póde viver uma alma pura e mortificada.

Como ha-de ser mortificado o coração, como ha-de despegar-se de certas affeições mundanas, de certas amisades muito feminis e naturaes, de certos sentimentos pouco honestos, se os olhos lhe estão lançando continuamente lá para dentro mil figeiros, mil objectos perigosos e desnecessarios que lhe encitam sentimentos improprios e ruins? Como quereis mortificar a imaginação, quando os olhos a enchem de mil objectos perigosos, quando pelos ouvidos recebe noticias, conversações mundanas e offensivas da curiosidade?

Como ha-de ser recolhida a alma, aonde entram pelos sentidos escancarados a todos os deleites que lhe são proprios, o mundo inteiro o seu tumultuar peccaminoso.

Uma alma d'estas andaria sempre na presença dos homens mas nunca na de Deus.

A primeira origem de todos os desvarios moraes é a fome do peccado que a culpa de Adão nos ateou na alma e no corpo; extingui-la é o fim das almas que tendem á perfeição. E quereis chegar a este intento ministrando pelos sentidos á carne faminta de peccar todo o prazer que ella pede?

Não achaes que deve penitenciar-se a carne mortificando-lhe os sentidos?

Não. Nunca vereis n'um corpo regalado uma alma piedosa e mortificada.

Certamente que é mais nobre a penitencia interior, mas esta nobreza desapparece se a exterior a não guarda e sustenta.

Não é o cacho, diz um auctor, o melhor da vinha, o que d'ella pretendemos? Mas se vos descuidardes das cepas não tereis vendima.

A nossa alma está plantada, e pelo dizer assim, arraigada no nosso corpo; e que importa que seja de muito boa qualidade a arvore se a plantamos em terreno arido?

Nunca lhe colheremos fructos. D'uma alma arraigada, d'um corpo esterelisado pelo calor dos vicios e paixões immortificadas, nunca colheremos fructos de penitencia.

Por muito bons que sejam os fructos se desfolharmos a arvore o sol e o frio queimam-nos e arejam.

Por muitos e bellos que sejam os desejos e propositos de sermos mortificados nas nossas faculdades internas se cortamos pela mortificação dos sentidos, tudo se murcha e cae arejado ao chão.

Só poderiamos separar uma penitencia da outra quando alma e corpo fossem duas entidades individuaes, distinctas. Mas emquanto formarem ambos um só homem é necessario que ambos se purifiquem pela penitencia para ambos lhe gosarem o premio.

E afinal não é certo que deve chegar a purificatoria da penitencia até onde chegou o corrusivo do peccado? E não se alastrou este veneno mortifero até á ultima fibra da nossa carne, até ao mais pequeno dos ossos do nosso corpo? Não é certo que se não foram os instinctos brutaes d'esta massa damnada, filha do crime, a maior parte de nós peccadores conservariamos hoje ainda fresca e viçosa a flor da nossa innocencia? Porque não ha-de pois a penitencia exterior castigar os sentidos criminosos que tanto mal nos teem feito e farão ainda, se os não domarmos com este freio?

—Porque matas com penitencia, porque tratas tão mal o teu corpo — perguntavam um dia a certo monge.

—Porque me mato e trato mal primeiro.

Com que instancia se não vingavam santamente da sua carne os Santos, de que andamos hoje tão divorciados?

O estado da Igreja sob o ponto de vista ascetico vem ajudar-me a desiludir as almas piedosas d'estes tempos sobre o assumpto.

Se lançarmos de relance a vista sobre os claustros monacaes e casas religiosas e sobre os

muitos centros de devoção que felizmente enxameiam por toda a parte, espanta-nos um facto que muitas vezes me assalta a imaginação.

Onde vive hoje uma d'essas almas generosas e extraordinarias cuja virtude nos seculos de fé era famosa nas nações extrangeiras como hoje os grandes factos politicos?

As respostas são sempre dolorosas reticencias. E é certo pela historia que nos seculos que nos ficam atraz essas almas grandes na virtude abundavam, não eram um caso raro.

Conhecemos hoje religiosos celebres na oratoria, na cadeira de ensino, no jornalismo, nas bellas artes e sciencias physicas e metaphysicas, mas, almas cuja fama de santidade attraia a si as attenções do mundo christão, se constar de uma, não passará além o numero.

Qual será a causa d'este resfriamente?

Segundo julgo é a que já vimos combatendo: dá-se muito pouco apreço ás mortificações externas, quasi que nem se faz ideia do que sejam.

A totalidade dos escriptores ascetas de hoje para se conformarem quanto possam com a indole efeminada dos christãos hodiernos versam sempre na maior parte das suas obras, assumptos divinamente amorosos de geito a não irritar o christianismo molengo das almas do nosso seculo; desenvolvem sob todos os aspectos e com todos os affectos de que são capazes o amor de Deus humanado, sacramentado e morto, por todos os modos adquados a mover as faculdades affectivas dos leitores. Os christãos mais dados á piedade e as almas religiosas dos conventos devoram esses livros e desde o momento que a sua leitura lhe incite a sensibilidade do coração, são uns livros divinos que teem na mão e ellas umas almas bemaventuradas de amor. Se porém lá vem um dia em que por disposições animicas a leitura do seu livro não produziu o effeito desejado tudo são inquietações, pareceu-lhe que desandaram muitos passos no caminho da perfeição, quando afinal estão no mesmo ponto que os mais dias: ainda não principiaram.

E estas almas que encontramos tantas vezes no templo prolongando terços e leituras, se as procuramos á cabeceira dos moribundos, á porta da enxovia do pobre, nos carceres, nos centros de propaganda religiosa, onde seja necessario arrostar com difficuldades, com sacrificios, onde o soffrimento seja inevitavel, não se nos deparam, porque ahi não experimentam a tal sensibilidade dos seus livros.

Christãos d'estes não passam d'umas almas sensibilisadas, e a perfeição é mais, muito mais que isso.

Não digo que taes livros sejam maus, mas são incompletos.

E' certo que a essencia da perfeição está no amor divino; mas esta divina chamma nunca lavrará n'uma alma sem que esta remova os obstaculos que a impedem: os prazeres do mundo e os da nossa carne; uns e outros, destroe a mortificação externa.

A chamma não pega na lenha verde sem primeiro expulsar d'ella a humidade; na nossa alma não se ateará o divino fogo do amor sem que alma e corpo estejam depurados de toda a paixão e vicio pela penitencia e mortificação dos sentidos.

Não são os christãos que clamam por meio de rezas e leituras infindas Senhor! Senhor! que chegarão á perfeição, mas aquelles que ao mesmo tempo que chamam em seu auxilio o Ceu castigam o seu corpo e o reduzem á servidão como fazia S. Paulo.

Para que é tanta reza e tanta leitura se depois em deixando o terço e o livro, em saindo do templo e do oratorio vindes escandalizar o proximo com a vossa lingua, com os vossos ouvidos, com os vossos olhos, com todos os vossos sentidos libertinos, immortificados?

Desenganemo-nos. Nunca chegaremos á perfeição se não formos homens mortificados nos varios sentidos. Começae por esta mortificação externa e vereis como a interna lhe succede suavemente, e depois de serdes christãos penitentes, chegareis a ser filhos adoptivos do amor de Jesus. Por outro caminho ides errados, a não ser que as vidas dos Santos nos enganem.

Secção historica

D. JAYME BALMES

NAÇÃO catholica, Hespanha, não é como para ahi se tem assoalhado impudentemente uma terra de neo obscurantistas ou selvagens, aferrados ao purismo do passado, orphã de elementos prestaveis, que ennobrecidos por ideias geniaes possam influenciar no machinismo do progresso da epocha.

Que o avente pedante infatuado, que ainda não acertou em lobrigar o lado opposto da fronteira, — d'accordo; que o affirme homem de illustração e tino, — não creio.

A valorosa patria de Cisneros, o benemerito estadista dos reis catholicos, de Cervantes, o famoso soldado de Lepanto, e auctor sem rival do immortal «D. Quichote» e tantissimas summidades litterarias, como frei Luiz de Leão, Granada e a mellifliflua Thereza de Jesus, a patria, digo, que no pantheon da historia figura tão rutilantemente, é impossivel que desfalleça na senda da civilisação o progresso moderno.

No seculo XIX surprehende o mundo scientifico com uma pleiade de sabios, eruditos, philosophos e especialistas, que as outras nações acclamam no auge do en-

thusiasmo pela leitura de suas obras d'uma solidez pouco commum.

Entre todos, ha um que se destaca logo pela irreductibilidade de seus principios e pela austeridade de suas convicções inabalaveis.

E' Balmes. Seu nome enche uma historia; celebrado na Peninsula salva os Pyreneus, galga os Alpes e resoa em todos os angulos da Europa illustrada. Quem o não conhece? Quem não leu aquellas paginas sempre frescas e actuaes, sempre candentes e inspiradas?

Quem, meditando-as, não pulverisou um prejuizo, pensou uma ferida?

N'este modesto artigo quero tão sómente traçar á ligeira uma face do perfil d'este grande pensador, porque a estreiteza do espaço não comporta mais.

I

Balmes nasceu em Vich, cidade notavel da Catalunha, no dia 28 d'agosto de 1810. N'este dia a Igreja exulta com a commemoração festiva do incomparavel Doutor do Occidente, apologista insigne da religião catholica, Santo Agostinho.

A lyra popular desfere harmonias de arrebatar os corações mais gelados pelo indifferentismo cynico e prosaico, que olha as solemnidades lithurgicas com desdem.

Agostinho e Balmes assemelham-se e quasi que cruzam as mesmas vias do saber e da historia.

Balmes, que na expressão graphicá d'um douto purpurado, é justamente appelidado o *Santo Padre da epocha moderna*, corre parelhas com o genio de Hipona.

Ambos foram traçados pela Providencia para reinar no seu seculo pela vastidão de sua intelligencia ao serviço da verdade; ambos appareceram na marcha dos tempos para occupar um vacuo que a humanidade sondava sem conhecer a causa.

Agostinho avulta na provincia das lettras e das sciencias pela universalidade de seu saber e engenho agudo, como a aguia de vôos sublimes, que fende os espaços, filtra-se pelo pego das questões a resolver a fundo, onde a verdade despede centelhas de luz.

Balmes é um astro de intenso fulgor, que espadana ondas de luz e doutrina pelas questões mais tortuosas e difficeis, que o protestantismo arma á sagacidade dos talentos, devotados á sciencia catholica.

A sua intelligencia nunca desce tanto que asphixie no pantano da miseria e da corrupção moral, que amesquinha tanta gente.

Paira sempre n'uma atmosphera, em que se respira o oxigenio do bom senso.

Como Agostinho, entra pelas questões, zombando do ridiculo e do sarcasmo que o inimigo boçal e ruim atira no seu transito; quando desembainha a espada da sua dialectica temivel, o inimigo escabuja, recua até á brecha de salvação, mas alfim succumbe banhado em seu proprio sangue.

Balmes, á guisa de Agostinho, tinha deante de si uma ideia. Chamava-lhe *ideia madre;* esta era como a attracção electrica na orbita polar; informa o organismo das faculdades, dá-lhes vida e acção e cria os magnificos trabalhos que assombram as edades.

Como publicista e apologista de pulso inquebrantavel, não ha na Peninsula penna de melhor aparo.

Não é plagiario que mendiga de porta em porta para satisfazer á ambição d'uma celebridade; homem de genio e estudo, arranca da fragua viva da sciencia philosophica peças de fino quilate, desvenda o veu da materia bruta, espiritualisa aquelles germens occultos, caldea-os no fogo da meditação e por fim dá-os a saborear ao estudioso que se assenta no banco da escola, ou ao sabio que se abastece de conhecimentos no seu gabinete particular.

Que muito, pois, que Balmes seja no campo da metaphysica e da sociologia uma especialidade de creditos incontestaveis! O seu methodo revela por completo o seu talento. Nunca contemporisou com a curiosidade de mascar em encyclopedias e in-folios indigestos abortos de erudição vaidosa, romantica e puéril.

Nas fontes puras e crystallinas é que elle saciava o desejo vehemente de enriquecer e augmentar o nucleo de illustração de seu espirito.

A sua memoria phenomenal, herdada de seu pae, calculista de renome, era um incentivo a mais para absorver a sciencia n'um tracto. Tinha uma vocação philosophica decidida. N'este molde refluiam todos os seus afans e observações.

Partia d'um principio: o homem tem

um destino, uma carreira a seguir outhorgada por Deus. A vida ou a morte do seu futuro social pende da vida ou da morte que incutir á sua vocação. Os homens não obram indefinidamente, como racionaes que são. Por conseguinte, teem infallivelmente que adaptar-se a um destino definido, certo, a uma profissão na esphera que escolherem. D'outra sorte é proceder cegamente, malbaratando as inergias d'alma.

Era assim que o grande pensador economisava o tempo, deixando-se dominar pelo ascendente poderoso d'uma ideia geradora e fecunda.

O plano de seu estudo não podia ser mais methodico. Tomava um livro, com a vista attenta perpassava o indice, depois exgotava as paginas de succo, fechava o livro e consumia largo tempo na concentração e estudo.

Nunca lia na occasião em que a paixão escandece o animo. Era debalde! Para perceber e pensar bem havia mister de uma recomposição no interior reflexivo! O contrario era tropeçar no abysmo do erro.

Quão bem differente é esta conducta da dos nossos jovens educandos nos centros litterarios, que incessantemente vagabundeam n'uma apathya criminosa e cigana!

«Nada me viu, diz o grande pensador, n'outro lugar que não fosse minha casa, a Igreja, o collegio, ou em algumas casas de regulares, e na bibliotheca episcopal, onde me detinha sempre que estivesse aberta».

O continuo exprimindo a assiduidade de Balmes na bibliotheca, dizia em phrase catalã: *era' e trumfo ferm de la biblioteca.*

Para accudir á sua desventurada patria, em crise desgarradora, estuda os problemas sociaes, e — coisa rara! — a solução de Balmes identifica-se com a que Leão XIII expende em suas encyclicas para debellar o pauperismo brigando com o capitalismo.

Balmes oscillava entre a carreira de escriptor e a de cathedratico; mas por fim opta por aquella, porque, diz:

«Nada mais grato que exercer influxo nos homens pelo ascendente da verdade; nada mais grato que escrever uma palavra e ter profunda seguridade de que aquella palavra dentro de poucas horas, voará a grandes distancias, e vibrará em milhares de espiritos, para produzir uma convicção ou excitar uma sympathia, como uma chispa electrica, que sahindo de um ponto, commove a atmosphera até um remoto confim!!

II

Agostinho creou a phylosophia da historia. Balmes creou a phylosophia do bom senso.

E' sob este aspecto que elle é reputado um pedagogo, um educador, que bem póde hombrear com os Dupanloup.

E' por este condão invejavel que Balmes é admirado e lido com avidez por uma classe sympathica de jovens catalães e homens de todos os graus sociaes, que representam a escola balmesiana.

Com effeito o grande pensador allançava a um espirito fino e analysador a prenda gloriosa de pensar bem. Elle ahi está no seu «Criterio», alicerceando um systema de educação intellectual e moral, abordoado ás leis immutaveis com que a Providencia governa os destinos dos individuos que engrossão este grande corpo social.

Onde estão os homens de caracter serio, honrado, que não descambe na vileza? pergunta.

Onde estão os homens de convicções, acrysoladas, sem tergiversações traidoras?

Onde estão os principios regeneradores da caridade social, do dever e do sacrificio?

O homem entibiou-se. As farinhas dos interesses exoticos levedam-no e petrificam-no no muladar das torpezas mais retrogradantes. O contacto demasiado com a materia brutalisa e embota a alma.

Já não tem a independencia moral, que triumpha do servilismo e da bajulice atrevida. Calca aos pés os deveres mais sagrados da liberdade humana, para impertigar-se n'uma peanha, ou alcandorar-se no telhado musgoso d'onde se avistam os horisontes a que aspiram.

O contacto com o mundo era para Balmes um meio exquisito de retemperar sem caracter, e fundil-o, por assim dizer, no bronze d'uma experiencia sobranceira ás illusões e chimeras que desvairam tantos cerebros vazios.

Longe d'elle o abeirar-se manhoso d'aquelles que pela sua posição distincta

podiam tecer-lhe uma corôa de verdejantes loiros que enramassem a sua fronte modesta.

Longe d'elle o estacar um dia na arcada dos semi-deuses da fortuna e do mando com a mira n'um sorriso, n'uma admiração.

Longe d'elle o prestar ouvido attento á *verve* galante que extazia os incautos.

Longe d'elle o roçar seus labios pelas fimbrias caudaes das gentes, guindadas um pouco mais acima que elle.

Balmes detestava a idolatria arrebentada de espiritos ignobeis que se arrastam pela lama da rua, enfronhados na capa de uma requintada hypocrisia.

Em 1848 Balmes dizia adeus á Hespanha e á Europa consternada. Na hora extrema, seu semblante illuminado, a sua fronte serena e desannuviada attestavam bem a nobreza de seu coração, que o incenso da adulação nunca viciara.

.....

O' jovens: Lêde os pensadores, lêde Balmes. Formae o vosso criterio, o vosso ideal nos bons modelos. O futuro que vos sorri, será tanto mais desassoberbado das difficuldades que vos enredam, quanto mais culta e aprimorada for a vossa educação moral e intellectual.

Vós sois a geração nova que ha-de levantar nos escombros d'um passado lugubre a estatua do genio do bom senso. Sim, ó jovens! — o seculo que se enfaixa no berço é o vosso século — seculo da restauração social. N'este enlevo todos vos embalaes.

8-XII-902. P. M. Faria.

PENSAMENTOS

A lisonja, triste symptoma da vileza humana é filha da ambição, irmã da hypocrisia, e percursora do despotismo.

*

A falta de fé gera a indifferença em cujo regaço como em braços de meretriz, adormecem todas as virtudes, e se acordam todos os vicios.

*

A verdade é velha como Deus, o erro é novo como o homem.

*

As grandes descobertas, como as producções da natureza nunca se hão-de reputar espontaneas, mas predispostas sempre n'um germen fecundo de actividade excitado pelo meio externo.

*

O commercio com despertar o sentimento ingenito da sociabilidade gera o espirito de observação para a perfectibilidade pessoal, e o espirito de sacrificio para bem da familia humana.

*

A Pusillanimidade amesquinha o homem e o furta ao gozo da sua mesma experiencia. A prudente confiança nas proprias forças é o começo de todos os grandes pensamentos, e marca ao homem logar honroso na galeria dos seres intelligentes.

*

Nunca o homem me pareceu tão vil como quando sendo ignorante se metteu a dogmatisar.

*

Prometter muito e têr pouco é quasi sempre infamia. O ignorante como vê pouco, imagina que não ha mais que vêr.

*

Conheço muitos *critiqueiros:* mas não conheço por ora nenhum bom critico.

*

O melhor processo a seguir na refutação dos erros e dos systemas é estremar serenamente os principios verdadeiros dos falsos, genuflectir depois reverentemente á verdade, e repudiar com franqueza e falsidade.

*

O fumo da eloquencia cobre instantaneamente preconceitos, mas só a exposição franca e sensata das opiniões actuam nas intelligencias soffregas de verdade.

*

A intransigencia e a diatribe são armas que as mais das vezes erram fogo na defeza da verdade: sobre irrazoaveis, são ridiculas.

*

A harmonia da natureza é um symbolo da harmonia social: aquella é mais brilhante, esta mais admiravel.

*

No concurso das causas da evolução social encontram-se systemas mais ou menos erroneos. Aos que se alongam mais da verdade maior impulsa lhes deve a machina da civilisação. Como

então é perigoso o procedimento dos catholicos que medem pela mesma bitola os erros e os systemas?

*

O PERIGO DO ALCOOL

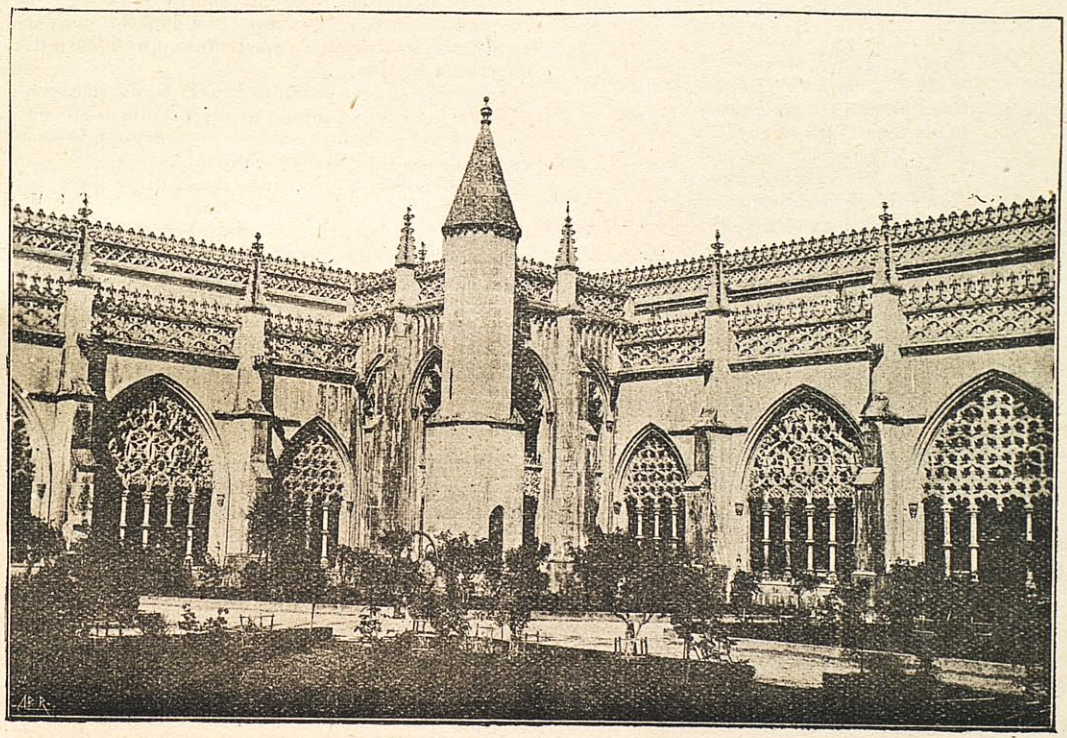
O alcool é sempre prejudicial; é o, porém, sobre maneira nos paizes tropicaes.

M. A. Fick escrevia um dia n'uma revista allemã: «O clima tropical não é *por si* prejudicial ao Europeu. Todos os colonos, commerciantes e viajantes, que ahi succumbem devem-no não ao clima, ao ar, ao alimento, ou á agua mas *exclusivamente* ao alcool.»

extraordinaria superioridade de obitos, que se dão entre inglezes e allemães, devido unica e exclusivamente ao abuso do alcool. Se na Africa ha alguns dos nossos que perecem devido a desregramentos póde dizer-se, que o abuso do alcool entra n'uma quantidade minima, o que não quer dizer, que se não deem casos de alcoolismo entre os nossos colonos.

A conclusão a tirar d'estas ligeiras transcripções e considerações é que, embora o alcool tenha certas propriedades boas, o seu abuso causa grande numero de victimas, devendo portanto evitar-se o mais possivel.

*



CLAUSTRO REAL DA BATALHA

O dr. Carlos Kolb, que por muitos annos viveu na Africa Oriental, diz, por seu turno, cathegorica e claramente:

«Não sou um apostolo da temperança; entrementes ouso dizer que, se na Europa não é util o alcool, deve considerar-se perigoso e nocivo, um veneno quasi nas terras d'Africa. As doenças tropicaes poupam as mulheres europeas; porquê? porque são de ordinario mais temperadas que os homens.

Lord Roberts assegura que metade das doenças dos soldados inglezes na India provêm do alcool.

Os nossos africanistas sabem muito bem quanto a raça anglo-saxonia é dada a bebidas alcoolicas; e d'ahi facilmente pódem explicar a

OS INNOCENTES

Porém nós vivemos já no céo.
S. PAULO.

Almas felizes e contentes
D'um rico viver sem par...
O' vós que viveis de amor
Tão felizes e contentes...
E' porque sois innocentes,
O' doces almas sem par.

Ensinae-me, ó Innocencia,
Os teus candidos enlevos,
E aquella justa clemencia

De tão subidos relevos.
Empresta-me o teu sorriso
O' visão do Paraiso!

«Nós vivemos já no céo»
— Dizeis a todos felizes;
Mas ha tantos infelizes
Que arrastam do mal o véo...
— Sombras da vida perdidas.
Almas no vicio mettidas!...

Se do amor de Deus gosaes,
Se na terra não viveis,
Mas entre anjos já folgaes
E' porque anjos pareceis.
Almas de tanta ventura,
Vêde a nossa desventura!

Tantos vivem já no inferno,
Aliás vivendo em folganças,
Que parecem ter esp'ranças
D'um feliz viver eterno!..
Mas ai! fingem de contentes
Os que não são innocentes:
Por isso, Deus da clemencia,
E' só feliz a Innocencia!

(Gôa) F. A.

ANECDOTAS

Alguns individuos, tão ignorantes, como pretenciosos, estavam em amigavel palestra.

Fallou-se de historia e um perguntou, porque seria dado o nome de tridentino a um dos concilios.

A iste respondeu muito de prompto um dos palestrantes:

— Isso pergunta-se? E' bem facil de saber-se! Chamou-se concilio tridentino, porque durou tres dias.

— Não, retruca outro, chamou-se assim, porque o papa presidiu a esse concilio, empunhando um tridente.

— Ainda não foi por isso, responde o terceiro, chamou-se-lhe tridentino, porque o papa, quando assistiu a tal concilio, já estava tão velho, que apenas tinha tres dentes.

Qual dos tres disse maior disparate?

*

N'uma aldeia, bastante afastada da cabeça do concelho, eram constantes as desordens e os ares eram pouco sadios.

Além d'aquellas circumstancias, que tanto concorriam para as continuas doenças e difficuldades nos promptos soccorros, os rios eram caudalosos e sem pontes.

As pessoas mais pacatas lembraram-se de recorrer á camara municipal, pedindo um facultativo permanente, mas ninguem se attrevia a fallar em publico, porque todas eram muito acanhadas.

Um individuo tido por mais experto, promptificou-se a apresentar o respectivo requerimento á camara municipal, quando estivesse em sessão.

Para a cabeça do concelho se dirigiu uma grande quantidade de povo, e o parlamentario, apresentou se ante os vereadores e tratou de fallar com todo o desembaraço.

Mas, de repente, atrapalha-se, confunde-se e apenas, poude dizer o seguinte:

«Aos pés de Vossas Senhorias, meus Senhores, venho depôr o meu requerimento. Na minha terra, Senhores, ha rios distantes, medicos caudalosos, doentes faccinorosos, que com suas amplas adversidades nos infeccionam!»

*

Um individuo, que costumava embriagar-se frequentemente, estava um dia á janella conversando com sua esposa e mostrando, que n'esse dia não tinha bedido.

A esposa, que, sempre que tinha occasião, afeiava-lhe o vicio, apontou-lhe por um ebrio, que passava pela rua, ora cahindo, ora erguendo se e soffrendo as algazarras do rapazio.

E como visse o marido triste, disse-lhe:

— Já vejo, que estás triste, vendo aquelle desgraçado. De certo, te lembras, com arrependimento das vergonhas, porque a embriaguez te faz passar.

— Não, mulher, estou triste, por não gozar do mesmo prazer que tem aquelle meu collega, quando bebeu até ficar em tal estado!

A tal argumento a mulher não replicou.

*

Uns estudantes estavam conversando, quando passou um frade franciscano, que, muito socegadamente se dirigia para o seu convento.

Um dos estudantes pretendeu escarnecer o frade, apesar dos concelhos dos collegas em sentido contrario.

Chamou-o e disse-lhe com modo sarcastico:

— Amigo frade. Estamos aqui, ha muito questionando, por causa de uma duvida, de que só tu nos pódes tirar.

— Eu, respondeu o frade sem se perturbar, sou um pobre franciscano e de certo, não estou no caso de esclarecer tão conspicuos academicos. No entanto ouvirei, e responderei, conforme entender

— A duvida é esta. Burro deve escrever-se com B grande ou com B pequeno?

— Conforme. Se o tem por nome appelativo, bastará um B pequeno; mas se o tem por nome proprio, é indispensavel, que seja com um B grande.

E seguiu socegadamente o seu caminho, deixando envergonhado o troista, a quem os companheiros ainda disseram que era bem feito.

*

Um sujeito das immediações do Porto ouviu n'uma assembleia fallar de charadas e assistiu á decifração de algumas.

Pediu explicações a tal respeito e promptamente lhe foram dadas com tal clareza, que ou-

tro, que não fosse elle, facilmente entenderia o artificio de tão innocente distracção.

Suppor, no entanto, que não só o tinha entendido, mas que, era muito capaz de fazer uma d'essas composições e, n'uma reunião, em que appareceram os mesmos individuos; disse-lhes, que tambem já tinha feito uma charada.

— Vamos a ella, disseram alguns circunstantes.

— Pois lá vae, respondeu o novo charadista:

— Vinhas e Vinháes, duzentos mil réis. Tira-lhe e põe-lhe, desoito mil réis.

Com que se arrima? — Desoito vintens.

Todos disseram, que tal palavrorio não poderia ser adivinhado e que não era charada nem coisa que o parecesse.

Elle então, muito ufano e censurando a pouca esperteza dos circunstantes, explicou a *charada* da seguinte forma:

—Vinhas e Vinháes, duzentos mil reis, quer dizer que eu, na Villa de Vinhaes, comprei, por duzentos mil reis, um cavallo a um individuo, que tem por por appellido *Vinhas*.

Tira-se e põe-se lhe desoiti mil reis. quer dizer, que custou desoito mil reis o aparelho, que é o que se tira e põe no cavallo.

Com que se lhe *arrima* desoito vintens, quer dizer, que custaram desoito vintens a esporas, que é com que se *arrima* ás cavalgaduras, para ellas andarem. — E então? O homem não mostrou quo era muito fino?

*

Certa madama, que tinha suas pretensões a saber alguma coisa de latim, mas que da lingua de Cicero nada entendia, achava-se em uma sociecade, onde se fallou da natural fraqueza humana, pela qual todos estamos sujeitos a peccarmos.

A isto, rospondeu ella toda feita doutora:

— Não admira. Ate o sol peccou. Assim o disse David: *Tibi soli peccavi*, até o sol peccou.

*

Um janota ignorante e pedantesco fazia a côrte a uma rapariga dengosa e tal como elle.

A rapariga morava defronte de um rio lago, ou sitio aquatico, onde, em noite calmosa e serena, a lua se reflectia muito brilhante.

Estava gosando de tão bello espectaculo da natureza, quando passou o seu namorado, que. depois de lhe dirigir os seus cumprimentos e algumas amabilidades recheadas de dislates, terminou assim os seus phraseados:

— «E a lua, refrangindo-se nas perificias das aguas, ô que lindo panorama, que ella mute!»

A isto respondeu ella:

— Quanto mais sublime me reputo, tanto mais equivalente me certifico.

UM AVEIRENSE OBSCURO.

Leituras amenas

O ARREPENDIMENTO

ERA nos fins do seculo XVIII.

Bernardini — o nome cheira a italiano; de feito os italianos como o está provando a experiencia constante dos derradeiros annos, e a lista assustadora dos ultimos attentados tem confirmado, são peritos em casos de este genero — Bernardini foi um homem, que passou o verdor dos annos imbuido por ideias socialistas e começando a declinar para o outomno da vida fez profissão do credo anarchista. Metteu-se-lhe na cabeça, que a sociedade era intrinsecamente má, e que era preciso, custasse o que custasse, transformal-a por completo, e por completo derribal-a para depois, sobre o cadaver ainda quente e fumegante — que a destruição ha-de ser a ferro e fogo! — da que a procedeu, fundamentar os alicerces d'essa sociedade nova desde muito pregoada, que, regorgitando de vida, ha-de levar a humanidade ao apogeu da civilisação e conduzil-a ao zenith deslumbroso e embriagante do bem estar.

Enlouqueceu-lhe a alma na doce expectativa d'esse venturoso e decantado dia e desenhava na tela do futuro com as tintas multicores da phantasia, caprichosas vistas e ledos passatempos; mas porque as palavras são palavras, que o vento leva, quiz Bernardini dar o exemplo e passou a via de factos.

Concebeu a ideia de viajar não por simples recreio, nem muito menos levado pelo anjo bemfazejo da instrucção; queria, longe da terra, que lhe foi berço, dar execução a seus planos diabolicos, e levar as furias anarchistas, que lhe aravam e minavam o coração, em innocentes victimas, que fruiam pacifica e legitimamente — porque a propriedade não é um roubo, em que pese aos senhores socialistas — as riquezas, que um trabalho insano lhes grangeou, ou a roda da fortuna lhes proporcionou.

Desde então começou a vida de Bernardini a cifrar-se no segredo e no mysterio. Bernardini não era, effectivamente,

um d'esses anarchistas fortes, que aguardam impavidos na egnica indifferença, que lhes inspira o seu credo, a vara da justiça, era contrariamente timido e fraco, e conhecia por demais a difficuldade de despojar-se do amor pela vida, que o instincto da conservação naturalmente demanda, qual outro Pyrro, que, acossado por furioso cão deu ás de villadiogo proferindo, em opposição a seus principios de sceptico, a bem conhecida sentença: *difficil é despirmos a natureza, forcejemos contudo.* D'aqui a razão porque a sua vida de annos se escondia nas sombras do enygma e na escuridão do mysterio.

Bernardini sahiu, pois, de sua terra natal; poude, por meios licitos ou illicitos adquirir dinheiro para satisfazer ás exigencias da natureza e da viagem, e passou á Austria.

Tinha-se operado poucos annos antes a revolução franceza de 89, que elle chamava um ensaio do dever e do direito contra a tyrannia dos absolutistas d'então, e parecia-lhe ver n'este facto memorando da historia um brado sincero da consciencia opprimida da humanidade, e na vigorosa reacção, que para logo começou a fazer-se, um symptoma fatal da proxima implantação do socialismo, que só então, a bem dizer, começava a germinar e a estender no animo das classes pobres, que o pé descoroavel da sorte arremessára ao seio do infortunio e da indigencia. A revolução não fizera tudo porém; era de urgente e de indisputavel necessidade, que as almas votadas ao resgate e redempção das classes baixas continuassem a servir-se da força e da violencia para uma inteira reviravolta social; e temos aqui os germens da theoria anarchista, que mais tarde devia immortalisar Bakunin e sequazes.

Disse e assim o fez.

Na Austria cômeçou para logo a fazer das suas proezas; áparte alguns attentados contra soberanos, que não sortiram o almejado effeito, muitas cabeças de abastados rolaram a seus pés, que só a estes, aos ricos e favorecidos da fortuna attingiu o ferro assassino e homicida de Bernardini, só estes eram immolados no altar ensanguentado do seu furor anarchico. Foi o luto assentar-se á porta de muitas moradas.

Mal, porém, brandia o punhal morticida desapparecia com a rapidez do relampago, e em balde procurava a justiça, o fascinora e cobarde malfeitor. Diziam-no já um mytho, um homem, que tem o que quer que seja de singular e mysterioso.

Assim viveu muitos annos vagabundeando por essa terra de Christo e passando fazendo mal.

Tocado um dia por invisivel braço sentiu-se comprimido pela mão ferrea do remorso, e pareceu-lhe pesada, muito pesada a vida. Quizera esconder-se dos homens, que lhe andavam na pista, e esconder-se de Deus, que lhe contava os passos, porque embora o socialismo seja regra geral, atheo, a consciencia de Bernardini segredava-lhe ainda bem, que ha um mundo invisivel, para o qual tendemos. O infame teve medo de si mesmo; olhou em roda com maneiras desvairadas e revelladoras de infernaes sobresaltos e tremeu; tremeu, porque á sua phantasia apaixonada e aos seus olhos turvos ainda de sangue se deparava o vulto negro e hediondo do crime.

— Como, dizia elle em assomos de raiva e desesperação, como poderei subtrahir-me eu ao grito estridente da minha consciencia, que me condemna, e furtar-me ás duras increpações do meu espirito? Hei-de viajar, matar e abafar o remorso no mar enganoso de embriagantes paixões, no pelago profundo e variavel do sensualismo, embeber-me-hei nos vaivens e passatempos para aquietar a minha consciencia desassocegada?

E ficou scismando. Indecisa e entrecortadamente proferia, a espaços, sons confusos, que diziam: nada, não póde ser, não deve ser; as paixões mais seductoras, os prazeres mais attrahentes são ephemeros e esvaiem-se como o pó nas azas de forte ventania, como a folha em caudalosa e precipitada corrente. As paixões, os gozos, só viriam avivar talvez o meu remorso e não me fariam olvidar por certo os delictos, que me opprimem e abafam o coração. E' preciso outro meio.

E' o suicidio? exclamou inquieto após longa pausa; e levava á fronte banhada de um suor frio machinalmente a mão. Só o suicidio, continuou, só o suicidio é capaz de pôr termo a meus males; aqui, que ninguem te vê, Bernardini, tira-te aqui mesmo a vida, malvado; animo!... já que tiveste alma para brandir o punhal contra innocentes victimas, victima-te a ti mesmo

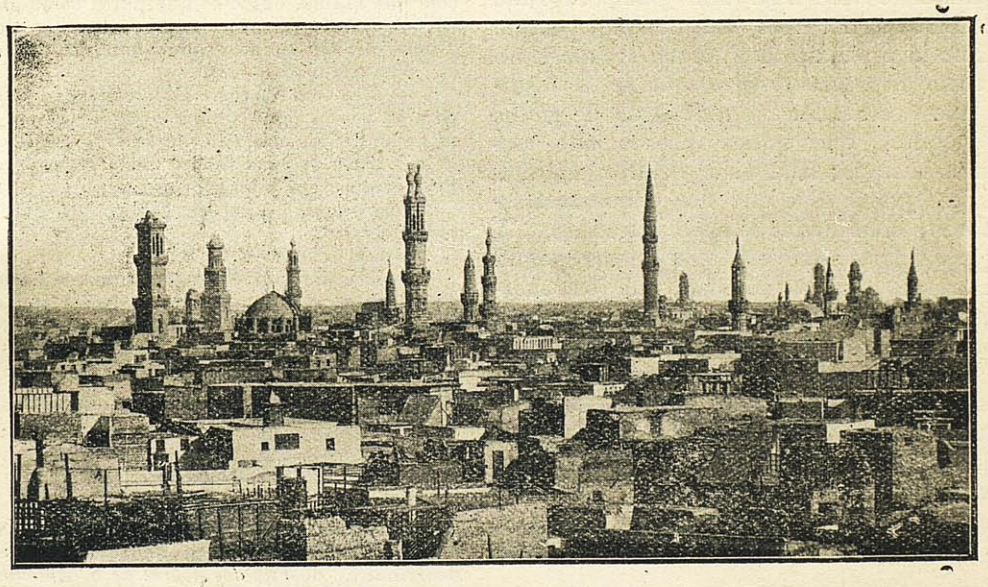
(e ia puchando pelo punhal) com este mesmo ferro, que vezes sem conta enterraste no peito de tanto desgraçados; vence-te, mata-te; sêja o céo testemunha de teu valor n'esta hora derradeira e fatal.

Ia para cravar o ferro suicida, quando ouviu um leve rumor, que o deteve; fitou o ouvido; era a folha secca de uma arvore, que cahia; porém n'aquelle momento de angustiosa turbação tudo era phantasmas, que se lhe antolhavam, parecia-lhe que toda a natureza se levantava contra elle, e fugiu espavorido d'aquella solidão, que na côr luscofusca d'uma tarde de outomno lhe incutia terror, e lhe agitava as fibras irritadas da alma.

tudo é candura, simpleza e innocencia; doeu-lhe o coração porque sua fronte estava avincada pelo ferrete da ignominia, ao passo que aquellas creanças, regorgitando de vida, viviam immaculadas de infamia, alheias ás cruciantes redarguições do remorso e da voz severa da consciencia, que lhe recriminava o deshonrado proceder de seus annos passados.

Ser-lhe-ia grato travar conversa com aquellas almas candidas e innocentes, falar a lingua patria n'aquellas regiões extranhas; deteve-o, porém, a vergonha de fazer publica a sua vida desregrada.

Desamparou aquellas solidões e começou para logo a concentrar-se e a procurar



VISTA GERAL DO CAIRO

Ia seguindo caminho e espraiando a vista inquieta e desassocegada por aquelles desertos, em que habitava o silencio e a paz, quando, n'um dado momento, parou machinalmente; ajustou a orelha e sentiu a doce melancolia, que as vozes argenteas de algumas creanças esparziam, aquella hora de poesia e saudade, pelas quebradas caladas e silenciosas dos outeiros visinhos.

Achegou-se, e cantavam em italiano a Ave-Maria... Bernardini assentou-se, deixou cahir a cabeça entre as mãos e chorou as lagrimas amargas, que insensivelmente brotam dos nossos olhos ao recordar a infancia, a quadra mais bella da vida, em que

novo remedio a seus males, que não fosse o suicidio, esse grande crime, que esteve prestes a perpetrar.

Passou de novo á Italia. Deparou-lhe o acaso, direi melhor a Providencia, um sacerdote, com o qual travou conversa.

Bernardini relatou-lhe por meudo com a sinceridade, que inspira a dor e o arrependimento, a historia circumstanciada de sua vida. O padre cuidou de incutir-lhe esperança, e fez-lhe ver a grandeza da misericordia de Deus, falou-lhe linguagem simples e sublime do christianismo, unico capaz de sarar as feridas d'um coração golpeado de dores. Bernardini não era já o infame, que vociferava imprecações contra o

céo, era o arrependido, que lavava no baptismo das lagrimas as maculas de uma longa vida de ignominias e devassidão.

Fez depois a confissão geral de seus peccados, e tão outro ficou, que os outros dias foi a oração e a penitencia. Ao arrancar da vida esse homem provado no cadinho da desgraça, exclamou: *morro abraçado com a Cruz unica ancora de salvação, a um coração perdido no-re demoinho das paixões e do vicio.*

Mas é authentica a narração? pergunta-me agora o leitor.

Não sei dizel-o; contou-m'a um velho amigo, que se ufanava de erudito em antigualhas, e que hoje não póde tirar-me das duvidas, em que me deixou, porque dorme já o somno dos mortos; direi no entanto de *mutuo proprio*, que se a historia não é verdadeira é a *verdade* de factos um conto, que temos presenciado em nossos tempos; haja visto o furor anarchico, que grassa hoje em dia, e que se alastra com celeridade sempre crescente. A segunda parte, que vos falla do arrependimento, dá logar a duvidas, que os anarchistas são por via de regra, impenitentes. Comtudo a religião catholica faz não raro de corações empedernidos e frios, devotados apostolos do bem e da virtude, porquanto *só á religião christã*, como nota Chateaubriand, *coube fazer irmãs a innocencia e o arrependimento.*

Culto de Santo Antonio

BRAGA

Pão de S. Antonio na egreja dos Terceiros em Braga, em dezembro de 1902

Rendimento dos cofres	242$325
Requerimentos dos pobrezinhos pedindo o Pão de S. Antonio.....	193
Cartas de agradecimento a S. Antonio	6
Cartas pedindo diversas graças espirituaes e temporaes.....	21

Todas as terças-feiras, dia consagrado a Santo Antonio, ás 7 e meia da manhã, celebra-se no altar de S. Antonio o Santo Sacrificio da Missa pelos bemfeitores dos pobrezinhos, com a assistencia dos mesmos pobres, recebendo no fim cada um, uma boroa de pão, de 2 kilos e 200 grammas pouco mais ou menos.

Os pobres soccorridos por Santo Antonio, em Braga são 612.

Meu querido protector Santo Antonio. — Acceitae a esmola promettida de 100 réis para o pão dos pobresinhos e os agradecimentos pelo beneficio recebido.

Uma vossa devota. — *R. B. S.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Remetto-vos 500 réis que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos se me concedesseis as graças já obtidas. — *A. e S.*

— *Milagroso Santo Antonio.* — Offereço-vos 5$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos e agradeço-vos todos os beneficios recebidos.

Uma vossa humilde devota. — *M. D.*

13—12—902.

— Remetto vos 1$500 réis como agradecimento das graças que me concedestes, fazendo com que alguns objectos que perdi como *guarda-sol, broche*, etc. apparecessem, e por mais algumas graças que me tenho esquecidode vos agradecer.

Vossa devota. — *M.*

— *Meu bom Santo.* — Prometti-vos 1$000 réis para os vossos pobresinhos e publicar esta carta se nosso Senhor me concedesse tres graças; uma já m'a fez e as duas tenho todas as esperanças. Pedi sempre por mim glorioso Santo.

Envio mais 1$500 de differentes graças ao todo 2$500.

Vossa devota. — *C. S.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos cheia de reconhecimento a graça que me fizestes, *livrando-me da cadeia* a que estava sujeita a ir, innocente como bem sabeis. Não tenho palavras com que possa agradecer-vos tão grande graça.

Vossa devota. — *F. J.*

OBIDOS

No primeiro dia do anno corrente realisou-se na egreja parochial de S. Pedro d'esta villa, a destribuição do *Pão dos pobres de S. Antonio.*

As esmolas levantadas dos pequenos cofres não avultavam alta somma, consentiram todavia, que, com o seu producto, fossem contemplados quarenta e dois indigentes, distribuindo-se a cada um quinhentas grammas d'arroz de optima qualidade, e dois pães.

Foram estes os *bons annos* de S. Antonio.

A distribuição, previamente annunciada, fez-se algum tempo após a celebração da Missa principal, e juncto do altar consagrado ao Glorioso Thaumaturgo Portuguez.

O parocho em breves termos expoz o fim de tão sympathica instituição, e exhortou os pobresinhos a proseguirem sempre pelo caminho do bem, e os mais protegidos da fortuna a auxiliarem de seus haveres esta grande obra de caridade.

Encontraram-se algumas petições e cartas de agradecimento.

— Agradeço-Vos meu milagroso Santo a graça que acabaes de fazer a minha irmã, ficando ella bem n'uma acção; humildemente Vos entrego essa muito pequena esmola para os vossos pobresinhos — *M. C. B. A.*

FREGIM (AMARANTE)

Em cumprimento d'uma promessa feita por M. R. C. Alves foram distribuidas aos pobres 15 boroas de pão no dia 1 do corrente mez de Janeiro.

A distribuição foi feita pelo R. P. Alberto Teixeira, residente em Montariol, fazendo uma practica explicativa do Pão dos Pobres e afervorando os fieis a amar o pobre, o intimo amigo de Santo Antonio.

Causou vivo interesse aos fieis da freguezia tanto a cerimonia como a pratica, pois que ignoravam completamente a maior parte d'elles o que fosse o «Pão dos Pobres».

MESQUINHATA

Remetto 400 réis em sellos de correio para o pão dos pobrezinhos de Santo Antonio — 100 réis que recebi sem me dizerem qual foi a graça concedida — 200 réis promettidos para que Santo Antonio pedisse a N. Senhora a graça de aplacar uma *forte dôr* que minha mulher soffreu n'um braço por alguns dias — 100 réis offerecidos por mim quando de noite tive uma *affiicção bastante grande*, e promettida a offerta e que seriam publicadas na *Voz de Santo Antonio*, estas duas graças, logo ficamos livres d'estes encommodos. Bemdito seja Nosso Senhor que por intercessão do seu bem aventurado Santo Antonio, formos attendidos. — *Antonio Augusto de Souza e Vasconcellos.*

LISBOA

Snr. Director

Remetto 2$000 réis para serem distribuidos pelos pobres do Pão de Santo Antonio. Sou com todo o respeito

De V.
att.º etc,
Luiz Pacheco.

BARCELLOS

Snr. director:

Peço o favor de publicar essa graça na *Voz de Santo Antonio* o que desde já agradeço.

Meu glorioso Santo Antonio agradecemos-vos a grande graça que nos fizestes. Ahi vos remettemos essa pequena quantia e pedimos-vos que nos desculpeis.

Lembrai-vos sempre de nós. — *Vossas devotas.*

PORTO D'AVE

No dia 21 de dezembro passado, veio a este Mosteiro, o R. P. Alberto Teixeira, do Instituto Missionario de S. Boaventura, assistir á distribuição do «Pão de Santo Antonio, fazendo uma pratica ao numeroso auditorio.

Mostrou a dignidade do pobre, a dignidade que elle tem por ser irmão de Jesus Christo, e pediu ao auditorio que soccorresse sempre a miseria, porque accumulavam para o ceu thesouros immorredouros. Foi sempre escutado com vivo interesse.

Rendimento das esmolas da caixa de Santo Antonio para o pão dos pobres, do Mosteiro de N. Senhora do Porto d'Ave, no anno de 1902.

Janeiro	11:485
Fevereiroe	3:925
Março	4:160
Abril	15:190
Maio	13:000
Junho	4:300
Julho	8:065
Agosto	6:410
Setembro	16:745
Outubro	7:025
Novembro	8:495
Total do rendimento do Pão dos pobres desde janeiro até novembro de 1902	89:800

LIVRAMENTO

Snr. redactor:

Peço o fineza de publicar na *Voz de Santo Antonio* o que lhe agradeço o seguinte:

Meu glorioso protector. — Agradeço-vos as muitas graças que me tendes feito e peço perdão ao meu querido Santo de não ter mandado a esmola quando vos prometti, ahi remetto 1000 réis pelas graças obtidas.

Uma devota de Santo Antonio. — *C.*

OURO-PRETO (BRAZIL)

Venho trazer aos vossos pobrezinhos, meu glorioso Santo Antonio, a pequena esmola de 700 réis e agradecer-vos a satisfação do meu pedido.

Março de 1901. — *Maria Marçal.*

—Agradeço-vos, meu bom Padre Santo Antonio, a graça que alcancei e offerecer-vos para os vossos pobres 2$500 réis.

Março de 1901. Vossa Serva. — *Maria.*

— Dou-vos mil graças, glorioso Santo Antonio, e peço-vos para em agradecimento ao que me fizestes, aceitar 2$000 réis para os vossos pobres.

Março de 1901. — *Generosa Guimarães.*

— *Meu bom Santo Antonio.* — Eu vos agradeço do fundo do coração o beneficio que obtive e offereço para os vossos pobresinhos 2$000 réis.

Abril de 1901. — *Pedro José Ferreira.*

= Agradeço-vos muito, glorioso Santo Antonio, o despacho de minha petição e offereço para os pobres a quantia de 5$000 réis.

Abril de 1901. — *Um devoto.*

— Peço a meu bom Santo Antonio que acceite a pequena esmola de 1$000 réis para seus pobres em agradecimento do que me fez.

Abril de 1901. — *Maria Theodora de Jesus.*

— Venho agradecer a meu bom Padre Santo Antonio a graça que recebi e trazer a vela promettida, pedindo-lhe que sempre me proteja.

Abril de 1901. — *Quiteria Luiza d'Almeida.*

— Agradeço a meu glorioso Santo Antonio o beneficio que me fez e offereço para os pobres a esmola de 2$500 réis.

Maio de 1901. — *Sabina.*

Quantias recebidas n'esta Administração e levadas ao seu destino em fins de dezembro:

Rezende.

Por intermedio do nosso presado correspondente..... 1$200

Louriçal (Pombal).

Rev. P.e José Rodrigues Ascenso..... 2$200

Marco de Canavezes.
Ex.ma Snr.a D. Anna Augusta Monterroso 11$000

Somma..... 14$100

Janeiro

Valença.
Ex.mo Snr. Manuel Bapista Machado.... 1$000
Melgaço.
Por intermedio da Ex.ma Snr.a Superiora do Hospital..... 1$900
Livramento (Mafra).
D'uma devota..... 1$000
S. Paio d'Antas (Espozende).
Do Snr. Domingos Alves da Cruz..... 1$000
Mesquinhata.
A. S. Vasconcellos..... 400
Lisboa.
Luiz Pacheco..... 2$000
Barcellos.
D'uma devota 300
Arouca.
D. Maria Angelina G. Mello Calheiros 1$500
Fiães (Feira).
D. Maria da Conceição Peixoto de Avellar... 200
Fregim (Cepellos).
D. Maria da Gloria Fonseca Pereira.... 400
Rezende.
Por intermedio do nosso presado correspondente J. P. d'Oliveira Soares, recebemos do nosso bom assignante Rev.o Padre João Gil Pereira Cardoso, dignissimo abbade de Freigil, para o Pão dos Pobres de Santo Antonio, por duas graças obtidas.. .. 4$080

Total Reis..... .. 13$780

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.
Os collegios catholicos.
As missões no ultramar.
Quatro conversões.
Duas vocações.
Tres almas.
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.
Uma famlia desolada.
Um sacerdote.
Uma casa religiosa.
Uma alma.

Secção scientifico-litteraria

A HISTORIA

em suas relações com a moral

Cada homem é um actor no drama dos povos como cada povo é um actor no drama da humanidade. Homem, povo e humanidade são, a meu vêr, os tres grandes anneis que perfazem a longa cadeia dos acontecimentos. A unidade da especie humana proclamada pela anthropologia, a vitalidade das raças reconhecida pela ethnographia, e a nacionalidade dos povos relatada pela historia repudiam violentamente as opiniões baixas dos que fazem do homem o ludibrio do destino, dos povos resultante inconsciente da lucta pela vida, da humanidade conjuncto fatal de seres evolutivos.

A historia imparcial que só leva a mira em satisfazer as aspirações do espirito humano para tudo que é bello e verdadeiro registra *a posteriori* o que a philosophia affirma *a priori:* que o homem é de sua natureza sociavel, que as suas faculdades pessoaes guiadas pela consciencia privada são destinadas a funccionar no organismo das sociedades regulado pela consciencia publica.

Segundo este principio o homem pensa e quer, concebe e executa; mas o seu pensamento, a sua vontade, as suas concepções e producções revertem em prol ou desdem da grande familia humana a que pertence. Os povos tendem a manter a sua emancipação e a precavel-a contra a queda, por via da industria e do commercio, das artes e das sciencias; mas a perfeição nacional influenceia na perfeitibilidade universal como n'ella influenciára a perfeição pessoal do individuo. A humanidade emfim é uma vasta metropole de seres humanos que caminham á conquista da felicidade sob a direcção d'uma Providencia sabia.

Isto posto em geral, cumpre-me mostrar como brevidade e tranquillidade como a historia graduando a marcha da humanidade sob as aspirações do homem e dos povos, *é essencialmente uma escola de moral.*

Presupposta a existencia do homem sobre a terra tres são as bases principaes em que assenta a magestosa cupula da philosophia da historia: Linguagem, Sociabilidade, Nacionalidade. Vejamos como o historiador haurindo as manifestações da vida humana em cada uma d'estas fontes, faz sempre uma ascensão na escola da moralidade.

*
* *

O historiador ouve falar os Patriarchas e os Prophetas e todos os Heroes Biblicos que mais se achegam da primitiva revela-

ção, e por detraz da sua linguagem simples como a simpleza da vida d'elles, mas sublime, como o Deus que elles pregam, descobre a simpleza e a grandeza d'essa alma humana que a linguagem exteriorisa; coteja ao depois os sentimentos do bello e do verdadeiro que relampagueiam ahi a cada expressão, com tudo melhor que escripta ou oralmente produziram os povos alienados da revelação. E a perfeição da arte e as culminancias do talento que na India se evolaram em mil allegorias até ao Infinito, e o genio da poesia que na Grecia sacrificou a natureza á arte; e a oratoria, a historia e a poesia que em Roma se prostraram á ambição com Cicero, ao orgulho com Cesar, á voluptuosidade com Ovidio e Horacio quasi que se desvanecem ante a simplez gigante do povo de Deus e do seu eterno monumento que nós chamamos Biblia.

Nunca a intelligencia e a liberdade se sentem mais desaffrontadas que quando respiram o suave ambiente da verdade e da bondade. Uma palavra então, um gesto expressam mil idéas que, aliás, mil vocabulos não expressariam. Moysés para indicar-vos o Supremo architecto dos mundos não carece de mais palavras que estas: *In principio creavit Deus exlum et terram.* E se lhe perguntaes quem é esse Deus, em duas palavras vol-o dirá: *Qui est misit me ad vos.* Eis a primeira genuflexão do historiador á acção da verdade na economia humana: esta a primeira lição de moral, que elle aprende na escola da historia, moral sublime que para leval-o á conquista de renome litterario e scientifico lhe aponta para os eternos ideaes de verdade e simplicidade.

*
* *

A linguagem tem o seu primeiro complemento na sociabilidade; nem se concebe a sua utilidade senão é para com ella uns aos outros nos sabermos, nos crermos e nos communicarmos. Deus que poz na fronte do homem o genio e o talento, e que na linguagem lhe outhorgou a faculdade de legar á terra que o não verá sempre a nobreza de suas idéas e a delicadeza de seus sentimentos, Deus pautou a linha a seguir no encalço do bem, creando com o individuo as inclinações individuaes. Os caracteres naturaes e sociaes desdobram-se aqui ao historiador sob a duplice influencia pagã e christã.

Vereis como no paganismo, que, ao correr dos tempos, obliterou a saudosa recordação d'uma innocencia primitiva, *o amor conjugal* base primeira da sociedade domestica cede ao orgulho e ao prazer que matando o socego privado minam a tranquilidade publica. O sentimento ingenito da immortalidade que devera de regular os ideaes da *esposa e da mãe,* e presidir ás aspirações do *filho e do esposo,* é suffocado pela tyrannia, e cahe de bruços ante a idolatria.

D'est'arte as tradições de familia extinguem-se, enervam-se mais e mais as relações sociaes, e os povos que esquecidos d'um typo genial d'innocencia offuscaram o brilho do amor conjugal, sem patriotismo filho de tradições gloriosas assemelharam-se a uma caravana de viandantes em cata de felicidade que, todavia, deixam atraz das costas. Não raro o exterminio d'um povo rachitico ou forte denunciara a mão de ferro d'um povo ambicioso ou vingador. Notae então que o *guerreiro* não tem dignidade porque não tem caridade; combate por si e não pelos outros; se triumpha, comido de gloria, espedaça a fragil existencia de pobres e desvalidos, se morre, foi victima da cobardia ou do fanatismo, mas nunca do heroismo.

Tudo succede ao revez com a apparição do christianismo. Este, pregando a caridade universal, quebra as barreiras que o individualismo pagão erguera entre familias e familias, povos e povos, faz de todos os homens, deixae-me assim dizer, uma só individualidade regulada pelos mesmos ideaes e anhelando ao mesmo destino. Criam-se as tradições de familia assentes nos eternos principios da paz e da auctoridade, forma-se a consciencia publica; e os povos que sem a luz da fé reduzidos á propria experiencia foram o ludibrio da desgraça, firmados na auctoridade são um vasto imperio onde Deus governa e o genero humano obedece.

Desfilam com toda a pompa os caracteres naturaes e sociaes. Deus é grande nas concepções do sabio e do poeta; é maior nos arrojos do martyr e do apostolo; é sublime nos transportes do justo e do sabio. Apostolisa a familia fazendo do coração da esposa e da mãe a urna mystica

de todos os nobres sentimentos; evangelisa a sociedade resignando a virtude do padre e atiçando o fogo patriotico do guerreiro.

Chegado aqui o historiador dobra-se com a humanidade á acção da Providencia, entoa-lhe um hymno sobre as ruinas do passado, e fazendo suas as aspirações do genero humano reconhece nas suas faculdades a harmonia moral que admira no funccionamento publico. Esta a segunda ascensão da historia na escala da moralidade.

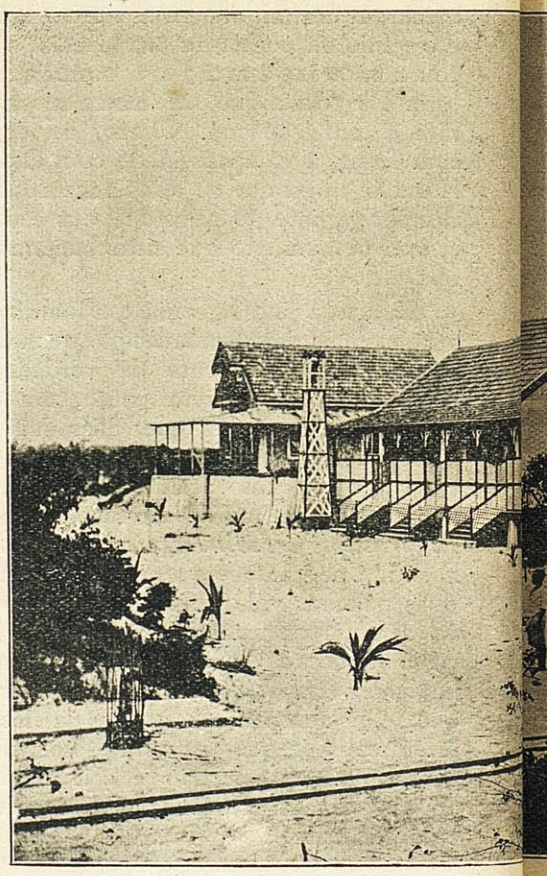
*
* *

Se a assimilação dos povos gera a perfeição ideal dos caracteres naturaes e sociaes, estes tendem a eternisar-se como a verdade de que são encarnação. As diversas nacionalidades são d'isso uma prova. Olhadas em toda a sua amplidão não se concebem sequer sem a litteratura que é o padrão a afferir da sua maior ou menor perfectibilidade. Não ha ahi um povo, por muito inculto, que não possua monumentos mais ou menos rudimentares d'onde lhe saibamos o genio. A Grecia corporifica as formas do Bello Ideal, Roma imita a poesia hellenica e codifica as leis do Direito, a India adultéra as idéas tradiccionaes da Divindade e tralada-as em mil allegorias pantheisticas, e assim por diante.

Considerando a litteratura como monumento principalissimo das nacionalidades, e definindo-a na sua latissima accepção «— expressão oral ou graphica das manifestações do espirito humano» — o historiador sensato não póde deixar de vêr ahi gravadas as idéas de honestidade ou perversidade que presidiram á emancipação e conservação dos povos.

Assim é, que, ao passo que lendo a Biblia genuflecte diante da magestade theocratica do povo hebreu, compulsando Tacito repudia energicamente a vil cubiça dos romanos que, açambarcando povos e impondo leis, não cura da manutenção financeira, economica e moral de mil provincias annexas. Vê com olhos lagrimosos como a mythologia antiga bafejando os povos recem-nados do paganismo, é simplesmente uma parodia da religião verdadeira e unica cuja necessidade revela sem o querer. Lamenta como a sciencia suffocada pela vida material e eivada as mais das vezes de sentimentos baixos, reverbéra apenas de longe em longe e quasi nunca ou nunca satisfaz as aspirações intellectuaes e moraes da humanidade.

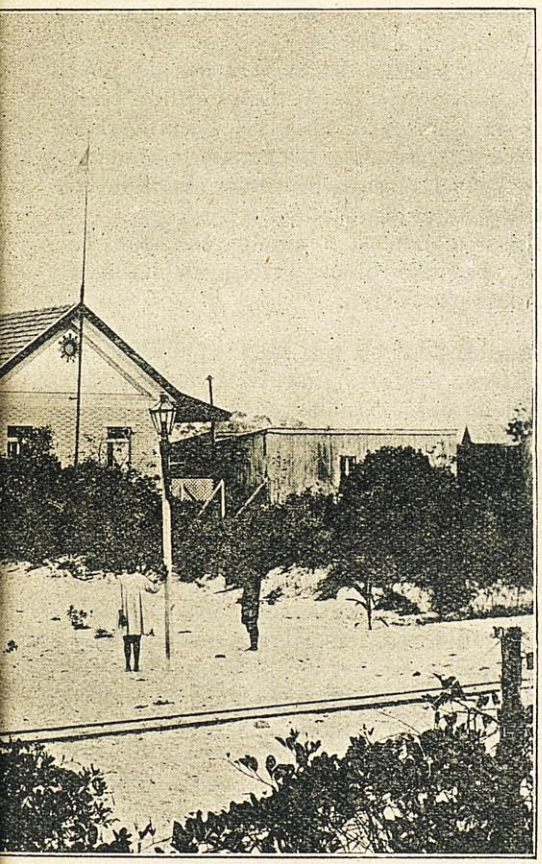
Mas se então arreda os olhos d'essa chaga universal do mundo pagão, e relanceia o mundo christão, que nobre independencia lhe não invadirá a alma ao ver que toda a grandeza pagã se prostra á passagem de doze Pescadores, e que as nacionalidades



RESIDENCIA DOS MISSI

catholicas são filhas em grande parte d'um acto de fidelidade á Egreja e ao seu Deus? Como não rejubilará vendo a religião christã assentada no throno dos Cesares, governando com Constantino, e civilisando com Carlos Magno, inspirando as artes e as sciencias na Italia, adoçando e sublimando o caracter guerreiro da França e da Germania, descobrindo mundos e alargando a fé com a Hespanha e Portugal!

Um pensamento systematico e seguro como a verdade acode então ao espirito do historiador, e seja o remate d'este pequenino trabalho. O segredo da vitalidade das nações está na unidade das aspirações individuaes com as tendencias intellectuaes e moraes das sociedades; a unidade de tendencias gera a unidade d'acção: esta garante a prosperidade publica no presente e annuncia-lhe a solidariedade para futuro. Estribado na prosperidade e na solidariedade o caracter nacional forma-se, engrandece-se, perpetua-se, e a machina da civilisação em vez de espedaçar-se vergonhosamente na sua derrota, rodará na mais concertada harmonia porque o Deus que lhe deu o começo é Uno e quer a unidade.



FRANCISCANOS NA BEIRA

Tal é a terceira lição que o historiador aprende n'esta philosophia das sociedades que marcando os passos da humanidade lhe prophetiza a prosperidade ou a desgraça. Aqui o historiador já não é o simples admirador que na sublimidade da linguagem descobre os lampejos de um espirito immortal; tambem não é sómente uma testimunha que em face das tendencias individuaes depõe a sociebilidade dos povos. E' um mestre universal que assimilou por assim dizer na sua substancia a experiencia dos povos, que elle percorreu em espirito, experiencia que elle faz sua e que lhe é norma segura de vida nos dias d'amargura como nos momentos de prosperidade.

BIBLIOGRAPHIA

Da *Junta Local da Liga Naval Portugueza* em Vianna do Castello recebemos os estatutos da Liga Naval Portugueza, que muito agradecemos e que gostosamente publicamos:

LIGA NAVAL PORTUGUEZA

Constituição do Conselho Geral

Primeira secção — Marinha mercante — Presidente, presidente do conselho regional de Faro; vice-presidentes, Pedro Gomes da Silva e Domingos Tasso de Figueiredo; secretarios, Anselmo Vieira e Marcos Vieira da Silva; vogaes, Domingos Eusebio da Fonseca, João Patricio Alvares Ferreira, J. A. Ferreira, Antonio Machado Pereira da Silva e A. A. Baldaque da Silva.

Segunda secção — Educação e constituição do pessoal na marinha mercante — Presidente, presidente do conselho regional do Porto; vice-presidentes, Moura Coutinho e Hypacio de Brion; secretarios, Avelino Monteiro e Raul Correia Bettencourt Furtado; vogaes, Eduardo Augusto Ferrugenio Gonçalves, Pedro Augusto Martins da Silva, Joaquim Garraio, Antonio Baptista dos Santos e José Maria Pereira.

Terceira secção — Marinha de recreio — Presidente, contra-almirante conselheiro Guilherme Capello; vice-presidentes, dr. Manoel de Castro Guimarães e Guilherme Arnaud; secretarios, Augusto de Seixas e Carlos Duff; vogaes, Manoel Figueira Freire Camara, Augusto de Paiva Moniz, Duarte Alexandre Holbeche, J. Leotte e João Peixoto Gimenes.

Quarta secção — Marinha de guerra — Presidente, capitão de mar e guerra Luiz Antonio de Moraes e Souza; vice-presidente, Manoel de Azevedo Gomes; secretarios, Guilherme Ivens Ferraz e marquez do Lavradio; vogaes, João Manoel Guerreiro de Amorim, Henrique de Cas-

tro Carvalhosa Athayde, Francisco Diogo de Sá Alvaro Andréa e Edmundo Vasco de Saldanha Mascarenhas.

Quinta secção — Obras e serviços dos portos, construcção naval — Presidente, marquez de Fontes Pereira de Mello; vice-presidentes, A. de Sousa C. Lara e J. Cordeiro de Souza; secretarios, Carlos Mauricio e Carvalho e Fernando Ferreira Pinto Bastos; vogaes, Luiz Strauss, Antonio J. Sampaio, H. Perry Son, A. J. Gomes Netto Junior e Manoel Pereira Serrão.

Sexta secção — Propaganda maritima — Presidente, marquez de Fayal; vice-presidentes, Pedro G. Santos Diniz e Ayres de Ornellas; secretarios, Carlos Viegas Gago Coutinho e Quirino da Fonseca; vogaes, dr. Silva Telles, dr. Zeferino Candido, Moreira d'Almeida, Carlos Marianno de Carvalho, Avelino Augusto da Silva Monteiro, Castanheira de Almeida, João Jardim de Vilhena.

E' n'este conselho geral que deve concentrar-se a representação de todo o paiz maritimo, segundo os novos estatutos da Liga Naval.

A Liga Naval Portugueza é uma associação civil que tem por fim promover por todos os meios possiveis a regeneração e progresso da marinha nacional. Para isto propõe-se: estudar todas as questões relativas ao desenvolvimento da marinha commercial, das pescarias e da marinha de recreio; promover as construcções navaes; estudar e procurar que se promulguem disposições legaes relativas ao bom andamento e progresso da liga; cuidar da educação do pessoal da marinha, e dispensar-lhe o possivel auxilio moral e material etc.

Os socios d'esta associação são *adherentes* e *contribuintes*. Os primeiros pagam annualmente 1$000 e os segundos 6$000. Uns e outros gosam de varios privilegios que os nossos leitores pódem ler nos Estatutos da Liga Naval Portugueza. Esta Redacção dá qualquer esclarecimento ácerca do assumpto aos seus assignantes e amigos

Almanak Burocratico de Braga, para 1903. — *Braga, Livraria Editora de Laurindo Costa.*

A'lem dos nomes e moradas dos funccionarios publicos e suas repartições, contém as associações, casas de educação, estabelecimentos de beneficencia, medicos e pharmaceuticos, advogados, periodicos e jornalistas, escrivães e notarios, officialidade, bancos, companhias, jurados commerciaes e criminaes, titulares, parochos, confrarias, professores de ensino particular, nomes e moradas de negociantes e industriaes de Braga e Porto na secção de *Casas recommendaveis*, da escripturação mercantil (Codigo Commercial), nova lei do sello, uma larga discripção de conhecimentos elementares, sobre o *Commercio e Industria*, etc., etc.

Um volume de 180 paginas, 300 réis.

A conhecida Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão (5, Largo de Camões, Lisboa) porá á venda até 31 de março d'este anno as seguintes publicações que pelos indices que nos foram enviados se nos afiguram excellentes e recommendaveis aos nossos leitores:

Manual da Sciencia da Linguagem por Giácomo de Gregório, professôr da Universidade de Palermo, traduzido do italiano por Candido de Figueiredo.

Manual de Sociologia Geral pelo Doutor Emilio Morselli traducção do Doutor Faria e Vasconcellos.

Manual de Anatomia Plastica para uso de pintores e esculptores de A. Lombardini professor da Real Academia de Bellas-Artes de Cerrara, traduzido, prefaciado e annotado por João Barreira, professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa.

Ligas metalicas e amolgamas por I. Ghersi, enginheiro, traduzido do italiano por Adalberto Veiga.

Manual do Machinista e do Fogueiro por Giacinto Gautero, professor na Real Escola de Applicação dos Engenheiros de Bolonha e com um appendice sobre Locomotiveis e Locomoveis pelo engenheiro professor Leonardo Loria, traducção da 8.ª edição, com 34 gravuras por J. A. Bentes.

Manual do Operario. — Conhecimentos uteis aos operarios fabricantes, torneiros, caldeireiros, fundidores, douradores, mechanicos, electricistas, e em geral a todos os operarios por G. Belluomini, traduzido do italiano por Adalberto Veiga.

Ligas Metallicas e Amalgamas por I. Ghersi engenheiro, traduzido do italiano por Adalberto Veiga.

Photographia para Amadores.—(Tractado completo) traducção do allemão por Adalberto Veiga.

A Bibliotheca Popular de Legislação, com séde na rua de S. Mamede, III, (ao Largo do Caldas), Lisboa, acaba de editar as «Instrucções» para execução do *Regulamento dos Serviços de Inspecção e Fiscalisação dos Generos Alimenticios*, approvadas por decreto de 29 de novembro de 1902; seguidas do *Regulamento do Ensino de Pharmacia*, sendo o seu custo, *200 réis*.

El Pan de la Emigracion—*Regalo a los suscritores de «La Hormiga de Oro»* — *por*

Henrique Sienkiewicz (Version Castellana.

Por entre a multidão de romances sem numero, mais ou menos realistas da litteratura moderna, apparecem as obras do inspirado autor polaco, que primam pela forma da linguagem, pela inspiração e pela inocencia do ideal.

Fundamentando os seus romances sobre a moralidade não lhe dá os matizes garridos e luxuriantes d'uma primavera em plena pujança e revestida d'um nudez que causaria sensações nervosas nas almas innocentes, podendo até arrebatar á primeira pagina que traiçoeiramente cahisse debaixo dos olhos inconscientes, a mais bella flôr que adorna o seu coração.

Não são assim os romances do autor do *Quo Vadis*.

Assentado debaixo dos bosques inspirados da Polonia, cercado de ruinas do antigo reino cheio de glorias e poder, debaixo d'esse ceu azul, limpido e brilhante que cobre o tumulo de tantos heroes, Sienkiewicz, escreve paginas arrebatadoras.

O actual romance é uma d'essas obras que se lêem n'um momento, porque a alma arrastada e compenetrada pelos sentimentos do autor parece vêr passar ao seu lado, o drama que se vae desenrolando debaixo de seus olhos sobre as paginas inspiradas do livro.

Quando o acabei de lêr, deixei cahir a minha fronte languidamente sobre o peito, e comecei a perguntar á minha alma, se aquelle drama não se passava todos os dias no meu paiz; e vi que não lia uma pura ficção mas sim uma realidade quotidiana

O pão da emigração!

Quantos ha que fascinados por elle vão alem do oceano procura-lo, e após uma viagem cheia de soffrimentos, torturas e privações encontram morte mais horrivel do que a que soffre o suppliciado sobre o patibulo!

Foi o que succedeu aos dois protogonistas do romance a que me refiro, — dois desgraçados polacos, pae e filha, amantes do seu torrão natal mesmo no meio dos mais crueis soffrimentos, mas que foram atirados para as plagas americanas pelo infortunio e pelas traições d'um seu inimigo.

Todos vós, quo vos seduzis pelos montes de oiro que apparecem nos continentes do novo mundo lêde esta obra e vereis como o *pão da emigração* é mais amargo do que esse, que ganhaes na vossa patria á custa do suor que rega as glébas da terra esboroada pelos golpes da vossa enxada.

Lêde este romance e vereis tambem nos peiores transes da vida a resignação apparecer como luz do ceu para guiar esses corações ralados pelo soffrimento atravez as longas caminhadas para a eternidade.

A' redacção da «La Hormiga de Oro» agradecemos penhorados tão boa offerta.

Domenico Scotti — Pagliara — O Mez de Nossa Senhora de Lourdes *ou o Mez de Fevereiro dedicado a Nossa Senhora de Lourdes. Traduzido do italiano pelo presbytero José Gonçalves Cascão d'Araujo. Com approvação ecclesiastica. Livraria Povoense de José Pereira de Castro; Povoa de Varzim. Preço 200 réis brochado, 300 réis encadernado. 230 paginas.*

Eis um livrinho muito a proposito para o nosso paiz. Portugal é um dos reinos mais beneficiados por Nossa Senhora e que mais ternamente a tem amado desde ha muitos seculos, sob a invocação de Immaculada Conceição. O privilegio de Immaculada é o mais estimado pela Virgem Mãe de Deus. Foi com este nome que ella se manifestou, ha perto de 50 annos, á Bernardete, nas proximidades de Lourdes sobre as faldas dos Pyreneus. E' com este nome que ella é invocada por todos os paizes catholicos em todas as difficuldades da vida e em todas as doenças e miserias. E' para honrar esta sublime prerogativa que o «Mez de Fevereiro» é publicado.

Não é com rosarios, passando continuadamente as contas pelos dedos, nem com simples palavras que se honra a excelsa Virgem. A Mãe de Deus quer ser honrada na primeira das suas divinas qualidades, na sua Immaculada Conceição, sobretudo pelas nossas obras, pela conformidade da nossa vida, com a sua pureza extraordinaria e inimaginavel, por uma vida verdadeiramente immaculada e em tudo conforme aos designios da Providencia e á vontade de Deus, expressa na sua divina lei, e nos preceitos e determinações superiores da Igreja e do Vigario de Christo, o Summo Pontifice. A Mãe do Messias honra-se particularmente quando são satisfeitos os seus desejos, manifestados durante as suas numerosas apparições á innocente pastorinha de Lourdes. A Virgem Immaculada de Lourdes não pode receber maior prazer, do que em ver que todos se empenham por honra-la, sobretudo, pela purificação da alma, de todas as suas maculas passadas e pela imitação rigorosa e completa das suas altissimas e sublimes virtudes.

Se os leitores, cada um dos quaes é com certeza muito devoto de Maria, quer provar á sua Divina e ternissima Mãe, que a sua devoção é o que deve ser; que deseja, como bom filho, satisfazer todos os desejos da melhores das mães, e mais poderosa, comprando este livrinho: conhecerá as suas virtudes, instruir-se-ha de tudo que ella mais deseja que os homens façam, de tudo que revelou na Gruta de Lourdes; começará a descobrir os largos horisontes aonde se estende o seu poder immenso; aprenderá a ama-la devidamente; comprehenderá o que é ser verdadeiro devoto e filho de Maria.

A Voz do Evangelho. — *Sermões do Padre Theodoro d'Almeida.*

Por occasião de dar o nosso parecer sobre uma obra d'este jaez, não deixaremos de explodir um brado de indignação e superfino desprezo contra um abuso que infelizmente invadiu os nossos pulpitos ruraes. O prurido miseravel de conquistar o alcaçar do renome e voar nas azas da imprensa por mundos phantasticos leva muitos prégadores a ostentar um dilettantismo romantico, um sentimentalismo grotesco, que provoca o asco de pessoas avisadas. A Theologia, a sã philosophia, a historia, as regras do bom senso pa-

rece serem antigualhas supersticiosas, que o pharol da moderna illustração eclypsou.

Embriaga a muitos um ribombar de phrases ocas ; semeam as figuras d'uma rethorica banal em desuso com incrivel profusão, e o thema sagrado ? esse debicam-o, estropeiam-o e chega a desapparecer totalmente da expectativa do auditorio. Outros, e em vasta escala, desconsideram os deveres de pollidez e boa apresentação ante aquelles que com a sua presença favorecem o orador para armar ao effeito proposto. O gosto da eloquencia sagrada é extremamente depravado pelo realismo caricato que desce a um estylo prosaico para levantar uns clamores terrorificos, que commovem as columnas da Egreja ; lançam se n'um amphiteatro de animaes asquerosos que pelo proprio nome são chamados a exerecer o cargo de eternos algozes dos peccadores impenitentes ; barafustam depois n'uma hegemonia de razões disparatadas, sujeitam o texto sagrado ás torturas d'uma imaginação febricitante, uma verdadeira *quichotada*, emfim. O povo aturdido com os raios e coriscos, que cruzam os espaços, horrorisa-se e passa ao prégador o diploma de inepto, imbecil e massador.

Para oppôr um dique seguro a estes abusos, vem de molde a oratoria seria do illustre oratoriano. Posto que elle não seja um cinzelador habil de periodos epopaicos, um estylista perfeito onde haja que aprender, é todavia um director experimentado para aquelles que palmilham pela vez primeira o palco sagrado. A clareza no expôr as materias, a brevidade dos argumentos, o conhecimento do coração popular são dotes que muito realçam a sua obra. A sinceridade com que ministra a palavra divina é uma nota que muito elogio.

O fim do oratorio é transvasar na alma do auditorio o balsamo da doutrina evangelica, afervorar o peccador, arrancal-o das peias da culpa e impellil-o pela senda que conduz ao ceu.

E' porisso que o recommendamos aos parochos e demais prégadores, cujo unico interesse seja o desempenhar bem a missão do apostolo e do padre catholico.

Almanach Bracarense para — 1903.

Temos sobre a meza este valioso almanach, coordenado pelo distincto kalendarista d'esta Archidiocese, o snr. Padre Luiz Gomes da Silva. Em nosso fraco sentir, sobre ser credor da sympathia geral pelo lado religioso, é assaz recommendavel pelo reportorio de conhecimentos apreciaveis que o remata.

Almanach Antonien des Enfants — 1903.

Este formoso impresso atrahe sobremaneira pelo caracter honroso que assume. Comprehendendo cabalmente o alcance da pedagogia evangelica, dedica-se a inocular no meio infantil o elemento religioso, affeiçoando as creanças á virtude pela leitura amena de trechos selectos, que aquilatam a grandeza do santo Protector da juventude, Antonio de Lisboa.

Outrosim, insére gravuras primorosas allusivas a peripecias de todo ponto dignas da competencia e bom gosto dos auctores. Folgamos, pois, de o collocar a par d'aquelles que bem merecem do publico illustrado.

Calendario Illustrato 1903.

E' raro deparar um calendario que no seu conjuncto logre satisfazer aos paladares mais exquisitos. O presente pode correr os salões da alta como da baixa sociedade que em toda a parte hão de formigar os leitores com extraordinario acolhimento. Nada mais justo que esta exhibição de applauso a um impresso tão erudito, tão luxuoso, que em brilho e magico aspecto pode competir com muitos de genero egual.

As gravuras elegantemente executadas e variadas honram o illustre pincel que as burilou. Os traços hagiographicos, as descripções historicas, as allegorias engraçadas imprimem-lhe uma originalidade seductora. No seu essencial relevo, parece-nos ajustado para figurar em todas as estantes.

Recommendamol-o sem excepção

Resumo da apparição de Nossa Senhora de Lourdes.

— *(Com approvação ecclesiastica) Segunda edição. Porto Typ. a vapor da Real Officina de S. José. Rua Alexandre Herculano.*

Este opusculsinho de 84 paginas lindamente impressas, foi publicado para ser distribuido ao povo nas pomposissimas festas da inauguração do Sanctuario de Lourdes, em Carregosa.

E' um resumo historico de tudo o que teem dito os melhores auctores sobre o assumpto: Lourdes, Bernardette, apparições da Senhora, provas que soffreu Bernardette ; recommendações e descripção da formosissima Senhora, fonte milagrosa etc.

Contem em supplemento os mysterios do Rosario, a Ladainha, uma oração a N. S. de Lourdes indulgenciada, o cantico popular de N. S. de Lourdes e varios outros canticos a Nossa Senhora e outras orações.

Vem illustrado com uma linda photogravura de Nossa Senhora de Lourdes na Carregosa.

As pessoas que não teem muito tempo para lêr e não póde fazer gastos com obras volumosas sobre este assumpto teem n'este pequeno livrinho o resumo de tudo o que mais interessa ácerca da materia.

As nossas illustrações

I — COSTUMES E VIVER DOS MADEIRENSES. — Os habitantes da ilha da Madeira sendo oriundos de differentes nacionalidades conservam entre si caracteristicos signaes da respectiva origem.

Diriamos que é um vergel onde crescem e fructificam todas as raças e todas as linguas.

Todavia predomina o typo portuguez e deste talvez o algarvio, havendo muito sangue italiano, allemão e mouro.

A lingua é a portugueza, que o vulgo varia com interessantes idiotismos e com

pronuncia tão particular, que o continental chega a não entender o que dizem.

O viver do povo é extremamente simples, esulados do grande mundo, e muitas vezes até umas aldeias das outras pelo montanhoso da ilha e pelas suas profundas ravinas que tornam impossivel a passagem de terra para terra sem ser por mar, teem de contentar-se com o convivio dos seus visinhos.

A alimentação da população rural consiste em milho feito em papas, em batata dôce, inhame, algum peixe e raras vezes fructa. Carne e pão, fóra da cidade, é luxo que só nas festas principaes se permittem os pobres e trabalhadores.

Nas casas abastadas usam-se alguns pratos saborosos e sustanciaes como é a *sôpa de villão.*

As habitações na aldeia são d'uma originalidade singular: quatro paredes cobertas de colmo em duas vertentes de rapido declive, uma só abertura lateral que serve de porta e janella, eis o que na Africa chamariam cubata ou palhota e que na Madeira é a usual habitação de numerosas familias.

Hoje porém em razão da facil exportação de tudo que a terra produz, da importante industria dos bordados, e do elevado salario dos operarios, o dinheiro abunda nas aldeias e as casas elegantes cobertas de telha marselheza vão por toda a parte substituindo os primitivos palheiros.

De caracter bondoso mas algo reservados, se não justificam bem aquelle dito — «o ilheu dá coice ainda depois de morto,» — é força dizer-se que olham o continental com tal ou qual desconfiança.

A indole é doce e por vezes se recente da brandura e amenidade do clima.

Todos os madeirenses que não tenham vivido em contacto com a sociedade corrupta e estragada do Funchal, são fundamente religiosos; ninguem deixa de cumprir os preceitos da lei de Deus e da Igreja; celebram innumeraveis e pomposas festas; amam quasi idolatricamente ao seu Padre vigario, e pode apresentar-se como povo modello em moralidade de costumes. A população augmenta enormemente e a percentagem dos filhos illegitimos é muito pequena. Em resumo, o povo da Madeira é dos povos o mais sobrio, o mais simples, o mais religioso e, segundo as ultimas luctas eleitoraes, politicamente o mais nobre.

Que Deus prospére aquelles illustres portuguezes da pérola do occeano.

P. M.

*

* *

II — Claustros da Batalha. — Representa a nossa gravura uma das maiores glorias da nossa nacionalidade n'uma data de crenças inabalaveis alliadas a uma epocha em que a esculptura ostentou primores e o engenho deu lustre á belleza da arte.

Edificado este soberbo monumento a que denominamos mosteiro da Batalha em memoria da tão celebre batalha travada entre portuguezes e castelhanos nos campos de Aljubarrota, não sabemos que mais admirar em tão magnificente obra se o altivo e elegante de tão imponderavel machina, se o elevado animo do fundador, se ainda o arrojado plano do architecto que poude conceber e reunir tanta formosura.

Insigne pelas bellezas architectonicas, ostenta uma grandeza que é mais para admirada que para descripta

O visitante que pela primeira vez recebe as impressões do seu conjuncto exterior ou penetre os humbraes do templo na expectativa de admiração sente-se como que extasiado ao observar o valor artistico de cada uma das minucias de tão extraordinario edificio.

Columnas esguias semeadas pelo pavimento, seguram n'uma altura prodigiosa um alongado tecto de ogivos, devidindo-o ao mesmo tempo em tres naves, que mais realçam a sua altura já bastante digna de admiração. E se a attenção se nos prende em algum dos lados, ora admiramos festões e rendilhados que o esculptor parece ter trabalhado só em monumentos de inspiração, ora o reflexo de vidros multicores nos chamam a attenção do cimo das janellas, ora ainda tumulos gigantescos recordam em negros caracteres, nomes de monarchas, heroes, guerreiros e sabios descançando á sombra do immortal padrão que os seus feitos lhe mereceram.

*

* *

III — ALDEIA E CIDADE — (A proposito da gravura «O Cairo».

Quem quer prazer suave e amor divino
Feche na mansa aldeia o seu destino.

Thomaz Ribeiro.

Nunca visitei o Cairo;
não sei se tem formusura;
mas é pitoresca a vista
que mette o Cairo — gravura.

Mas embora lá no Egypto
Seja o Cairo uma beldade,
para me não ser sympathico
basta ser uma cidade:
— «masmorra onde se defeca
nossa cara liberdade.»

Cá pelas minhas aldeias
saio como e quando quero,
e ninguem faz caras feias
se me visto sem esmero
com croça, sócos sem meias.
Na cidade é um desespero.

Quer um homem vir á rua:
veste camisa engommada,
penante, ou chapeu da moda,
gravata e bota engraixada;
luva e na mão a bengala
que ha de ser bem meneada.

O andar tem as suas regras
não basta as pernas mecher;
ha de ser com certo garbo
que a itiqueta prescrever,
e ha-de a gente empertigar-se,
passo lento e não correr.

E anda-se com liberdade
no centro de uma cidade?

Na aldeia c'o mesmo fato
vou ao mercado feirar.
aos domingos vou á missa
e os amigos visitar;
vou com elle ás romarias
ao confesso e commungar.

Mas vão lá para a cidade...
c'o um fato vae-se ao passeio,
ao theatro leva-se outro;
para os bailes um terceiro;
ás festas, missa e visitas
tres distinctos do primeiro.

um sexto para dar pesames
para enterros um differente.
E um fato que se mostrou
tres vezes seguidamente
se uma quarta se vestiu
já se não passa por gente.

E inda achais commodidade
em viver n'uma cidade!

Na minha aldeia as mulheres
á outra gente são eguaes.
Na cidade são bonecos
para espantar os pardaes:
na cabeça chuçam penas
e se são feias de mais

velam com rede o focinho.
Outros pintam de carmin
o rosto amarelecido;
tanto se apertam que emfim,
cabe-lhe a cinta n'um punho,
Eu nunca vi coisa assim!

O vestido é enfunado
como o de anjo em procissão;
o guardasol rendilhado
umbella de sacristão;
depois na rua o espantalho
é arrufado pavão.

Eu quando topo estes vatuas
das africas orientaes
vejo me n'ellas, pois digo
se te embarro lá te vaes...
Na minha aldeia estas coisas
servem p'ra espantar pardaes.

Mascara da realidade
é o luxo da cidade!

Na minha aldeia ha passaros
que trinam c'o rouxinol;
ha matutina alvorada
auroras, e por do sol;
ha ceu estrellado á noite
pela tardinha arrebol;

lirios no vale e no monte
no campo violas, mil flores;
ha rios, fontes gemenles;
brisas que espalham dores;
ha ceifeiras cantadoras
ha rebanhos e pastores;

Ha ermidinhas nas serras,
ha toque de Ave-Marias
ha a reza do rosario
á noite todos os dias;
ha nos campos e no lar
ternas, santas alegrias.

Que doce felicidade!
E goza-se na cidade?

Não me entontece a cidade
com a sua formusura;
muitas vezes gosto d'ellas,
coma do Cairo em gravura.

Gosto de vê-las á noite
do luar basso ao pharol,
mas de longe, como Braga
vista de Montariol.

21-1-903.

B. Ribeiro.

*
* *

II — Residencia dos Missionarios da Beira. — A actual residencia dos missionarios da Beira, propriedade da Companhia de Moçambique, está situada na Ponta Gêa, bastante distante do centro da população.

A' sua fundação presidiu a ideia da formação d'um novo bairro n'aquelle local, e durante algum tempo a febre de construcções ahi ergueu alguns novos edificios.

A' febre das construcções seguiu-se o enthusiasmo dos inquilinos que durante algum tempo não deixaram quarto por alugar.

Depressa porem esmoreceram os fervores e as casas, umas apoz outras, foram ficando desertas, devido principalmente á distancia, e a não se terem plenamente confirmado os seus tão apregoados fóros de salubridade.

A casa da Companhia teve sorte egual á das outras. Não sendo procurada para vivenda, foi mais tarde destinada a lazareto, onde foram recolhidos os variolosos, que as irmãs Missionarias de Maria cuidaram.

Desappareceu a variola e a casa novamente ficou abandonada até que em tempo do Governador sr. Conselheiro Francisco Negrellos do Couto e Castro foi cedida para residencia dos missionarios da Beira, onde presentemente vivem e recebem os missionarios hospedes que frequentes vezes visitam o porto da Beira.

P. R. A.

Chronica universal

ROMA

Apagou-se n'este principio d'anno uma luz esplendissima na egreja catholica.

O cardeal **Lucido Maria Parvochi** morreu.

E com a sua morte morreram tambem as esperanças bem fundadas de muitos catholicos verem ainda um dia com as chaves de S. Pedro.

Não são porém estas esperanças fallidas o que mais nos penalisa. Doe-nos sobretudo o coração com a lembrança da lacúna que elle deixou aberta no sacro-collegio, em Roma, na Italia e no mundo.

O cardeal Parochi era, como ajustadamente nol-o diz a *Vera-Roma*, uma synthese felicissima dos dotes mais preclaros: philosopho, orador, homem de lettras. Alma ardente de sereno lidador, enamorada de tudo que é bom, verdadeiro e bello, Parochi, logo desde o abrir da intelligencia se deu tanto ao estudo das artes e das sciencias, que, a breve trecho, mereceu os applausos dos homens mais lidos.

Aos 15 annos cingia as vestes talares e era mandado a Roma estudar na Gregoriana. Aos vinte e dois após um curso brilhantissimo regressava a Mantua, onde com proveito de todos que tiveram a sorte de escutal-o, começou a leccionar Theologia Moral, Historia Ecclesiastica e civil, Direito Canonico.

Forçado pela força das circumstancias a baixar das alturas da cathedra ao terreno batido da vida parochial, soube manifestar n'uma esphera bem diversa o seu zelo e actividade inexgotavel.

As suas conferencias contra o protestantismo e o racionalismo tinham-no já posto em evidencia, quando um seu magistral discurso sobre o Sagrado Coracão de Jesus cahia nas mãos do Summo Pontifice Pio IX.

Foi o ponto de partida de suas ascensões gloriosas atravez das difficuldades da vida publica.

Em 1975 era feito Bispo de Pavia, dois annos depois Arcebispo de Bolonha, logo cardeal com o titulo de S. Sixto, e por ultimo Vigario Geral de Sua Santidade.

O **periodo da sua Vigararia** foi, como diz a *Vera Roma*, o mais fecundo para a operosidade de Parochi, e nunca teem de esquecer á Egreja Catholica as suas mil obras de benificencia e instrucção com que, na maior serenidade sempre, passava dos problemas mais intrincados da sciencia ás questões mais palpitantes da vida actual.

Paz á sua alma.

PORTUGAL

O contracto William's.—Fala assim a redacção d'um conhecido periodico da capital:

No meio da decadencia geral da nossa vida administrativa e politica que tem levado aos melhores espiritos e aos mais puros caracteres a descrença e o desanimo nos destinos da patria, a assignatura do contracto William's cahiu tão inesperadamente que, antes de produzir um sentimento de desgosto na opinião publica, causou uma verdadeira impressão de surpreza e de assombro. A propria pequenez dos homens e a mesquinharia tradicional da politica portugueza que circumscrevia a sua acção ao campo restricta dos interesses pessoaes ou partidarios, parecia garantirem a impotencia da pratica de factos d'uma importancia capital immediata para o bem como para o mal.

Iamo-nos afundando lentamente, com agua

aberta por todas as fisgas d'uma administração desconjunctada e apodrecida, mas, no espirito optimista dos que apenas olham para os limites da sua propria vida, havia a esperança commoda de que a catastrophe inevitavel não os fulminaria já a elles. Portugal morria, mas de vagar, e como a vida das nações se não mede pelo estreito quadrante da existencia humana, e como o sentimento da responsabilidade para com as gerações futuras foi espancado da consciencia dos povos decadentes pelo utilitarismo egoista dos interesses pessoaes, todos iam vivendo alegre e despreoccupadamente ao ladó da longa agonia da Patria.

De repente, porém, n'essa malha estreita de pequeninas miserias cae o pezo bruto d'um facto positivo e real. As mãos impotentes que apenas sabiam enredar intrigas, tapar ambições, cerzir interesses e remendar partidos, descarregam um golpe tremendo na propria essencia da vida nacional, e, antes da reacção dolorosa pela consciencia do mal soffrido, houve um momento de assombro perante a inesperada audacia dos malfeitores. Foi n'esse estado da consciencia publica que se levantou o côro de todas as vozes interessadas ou interesseiras em *hossanas* triumphaes a um governo que acabava de entregar ao estrangeiro, com a nossa melhor colonia, todas as esperanças de cumprimento da ultima missão historica de Portugal e o melhor campo de acção effectiva das forças industriaes e commerciaes do paiz. A reflexão, porém, não tardou; a analyse d'um contracto, firmado com o pretexto de obter gratuitamente a construcção do caminho de ferro de Benguella, veiu mostrar como as mãos que abrem ao estrangeiro as fronteiras de Angola arrancam de lá, e para sempre, toda a preponderancia e toda a actividade economica, e portanto politica de Portugal e dos portuguezes.

A mystificação habilmente preparada para illudir a opinião publica com o delirio das grandezas, cedeu então o logar a outra especie de mentira que procura mostrar como irremediavel o mal praticado, como se fosse moralmente e legalmente possivel que os destinos d'um povo dependessem sem remissão de jogo secreto de meia duzia de mandões politicos, sem consciencia nem credito! Depois de haverem requerido uma apotheose gloriosa, exigem agora a submissão resignada do paiz á espoliação monstruosa que já se não atrevem a negar abertamente. E com a mesma audacia com que transgridem a lei moral que deve ter nos governantes d'um povo a sua mais alta e escrupulosa encarnação, deturpam e sophismam a lei escripta que impõe aos representantes d'esse povo o dever e o direito de salvaguardar os interesses, a propriedade e a honra.

Essa segunda mentira, mais affrontosa ainda para a dignidade d'um povo livre e mais cobarde pela irresponsabilidade effectiva com que procura cobrir o governo, é necessario, é indispensavel que caia tambem esfarrapada.

Ao parlamento incumbe o dever e o direito de julgar essa concessão, annulando-a ou modificando-a. Tudo, porém, leva a crer que, no estado actual da politica portugueza, em que as divisões dos partidos, cavadas pelas divergencias das convicções, se apagaram n'uma mal disfarçada concordancia de interesses, esse dever não será cumprido, esse direito não será efficazmente exercido, se um forte movimento de opinião, concretisado em manifestações legaes mas positivas e firmes, não acordar os elementos politicos da digestão dos bodos partidarios para a consciencia das suas responsabilidades constitucionaes. Não são os interesses mais ou menos largos da politica interna que se arriscam n'essa cartada audaciosa jogada com o estrangeiro, são os elementos capitaes da grandeza futura da patria, são os ultimos despojos preciosos da sua herança historica, é a realidade presente da sua prosperidade economica que se vão sacrificar para sempre. Consummado esse facto, a perda de Angola seria para Portugal, além da decapitação da sua melhor esperança do futuro, a ruina irreparavel de toda a sua actividade economica, pela morte, a curto prazo, do commercio colonial, pela paralysação das industrias espoliadas do seu unico mercado externo, pela submersão da sua marinha mercante que, a pouco e pouco tem sido varrida de todos os mares do mundo.

N'este momento e perante este facto, os interesses individuaes de todas as classes trabalhadoras do paiz casam-se indissoluvelmente com os mais largos interesses da patria. A ellas, por tanto, cabe o dever de, defendendo-se a si proprias, defenderem e salvarem a honra e o futuro de Portugal.

Vox clamantis in deserto !

ti-clericaes e os sedentos de sangue fradesco; elles sem darem fé d'isso, fazem jogo aos partidos catholicos. Podeis combater os abusos da religião, mas nunca as convicções religiosas, ácerca das quaes os socialistas devem mostrar-se tolerantes e sempre neutros.»

Bebel fallando sobre o mesmo assumpto affirmou que a divisa «PROSTREMOS A INFAME» referindo-se ao catholicismo não podia ser socialista. E accrescentou no meio de applausos:

«Queremos a liberdade para todos, sem exceptuar as sociedades religiosas. Commetterieis um grave desatino, se durante os debates electivos misturasseis com as questões politicas as questões religiosas.»

Estes já teem um bocado de senso: pugnam pelas suas ideias, mas deixam que os outros quebrem lanças pelas suas.

Cá no nosso torrão luso até os catholicos se desaveem dentro do mesmo campo politico.

Não ficou atraz d'estes o CONGRESSO DE IMOLA.

Apresentaram-se dez mil adeptos entre os quaes trinta deputados.

N'este versaram-se mais questões de tactica.

Bateram-se nobremente sobre o ponto em questão Turcti e Ferri. O primeiro optava pela tactica condescendente e opportunista; o segundo pela intransigente. O congresso votou pela primeira.

Em setembro passado reuniu EM LONDRES o TRIGESIMO QUINTO CONGRESSO, a poderosa corporação socialista LAS TRADE UNIONS.

Tiveram parte no congresso para cima de oitocentos mil socialistas, que representavam mais de um milhão de operarios de todas as nações europeias.

Resolveu o congresso tomar parte activa nas eleições proximas, para o que nomeou um *comité*.

Votou o trabalho de oito horas para todo o operario, e por uma maioria de 591:000 votos contra 314:000 condemnou a guerra sul-africana.

Por unanimidade resolveu o congresso procurar por todos os meios nacionalisar os grandes monopolios capitalistas.

Em Bilbau realisou se tambem um pequeno congresso socialista das ASSOCIAÇÕES SOCIALISTAS DE VISCAIA.

Não houve coisa de maior.

Em Barcellona reuniram-se em congresso pela primeira vez os socialistas marinheiros.

Para ser o primeiro congresso maritimo-socialista não foi para desanimar a concorrencia.

Apresentaram-se 26 delegados de varias corporações maritimas que representaram oito portos de mar e uns 67 mil socios.

Foi importantissimo o SEXTO CONGRESSO SOCIALISTA HESPANHOL reunido em Gijon no fim de agosto passado.

Pablo Iglisias tocou d'este modo na questão religiosa: «Os socialistas não querem que arrastem os frades e queimem os conventos; respeitamos os homens e combatemos as ideias.

Queremos a morte da Egreja cooperadora da burguezia; para isto temos que educar os homens e assim lhe roubamos consciencias; confiscamos-lhe os bens e tiramos lhe os meios de subsistencia... Se o povo hespanhol fôra educado no socialismo nunca pedira a fôrca para os frades mas tel-os-hia expulsado como prejudiciaes.»

As resoluções principaes foram as que seguem:

1.ª — Regeitaram a proposição que algumas collectividades apresentaram: «Todos os que sollicitem a entrada no partido devem declarar na petição que não professam nenhuma ideia religiosa.»

2.ª — Foi retirada tambem uma outra proposição que pedia se declarasse atheu o partido.

3.ª — Proposeram que os associados não aceitassem os chamados «lances de honra» e foi condemnado o duelo por maioria de 22 votos contra cinco.

3.ª — Que todos os associados se intrometessem em todas as eleições geraes, particulares, legislativas, administrativas, municipaes e provinciaes.

4.ª — Que os filiados no partido não prestem apoio algum moral ou material ás manifestações de caracter religioso; mas combatam sempre qualquer acto politico contrario aos ideaes do partido seja elle de caracter religioso.

Não cerrarei esta lista sem mencionar tambem o NOSSO CONGRESSO GALAICO-PORTUGUEZ reunido em Vianna em março do anno findo.

Resolveram os lusos *sucistas* (nem me apetece chamar-lhe socialistas) de accordo com os seus irmãos gallegos:

1.º — Que era necessario ter muito cuidado com as gréves; e nunca acontecesse ter a União (gallega-lusa) de sustentar duas ao mesmo tempo.

Foi muito bem pensado; porque se um rancho de gatunos á bulha por essas ruas, já dão que fazer, dois muito mais; e a União Gallego-lusa não terá muito farto o mialheiro.

2.º — Que se pozessem de parte, como improficuos para os interesses e trabalho dos operarios, os meios violentos

E' melhor ir pela mansa é e devagarinho, não vão os patrões responder ás gréves socialistas com pôrem-se elles tambem em gréve e fechar as portas das fabricas até que os garotos socialistas apertados pela fome venham lançar-se-lhes aos pés a pedir-lhe uma codea.

E era bem feito.

3.º — Resolveram fundar um jornal, orgão da União Galaico-portugueza.

Não sei se já appareceu. Talvez que a ideia gorasse por falta de calor... da bolsa e... de miolos.

São estes os congressos socialistas de que tenho conhecimento, realisados durante o anno findo. Muitas considerações podia e desejava fazer já sobre um assumpto de importancia summa, mas por aqui me cerro hoje deixando para melhores momentos as conclusões e reflexões que prometti no summario d'esta chronica ligeira.

Braga, 26 de Janeiro.

O CHRONISTA DA VOZ.

A' *Palavra*, ao *Correio Nacional*, á *Voz da Patria*, á *Nação*, á *Ordem*, ao *Commercio do Minho*, ao *Grito do Povo*, ao *Progresso Catholico*, a *Educação Nacional*, ao *Jornal dos Arcos*, ao *Amador Arraes*, á *Cruz*, á *Revista Catholica*, á *Estrella Povoense*, á *Folha da Manhã*, e a outros collegas da imprensa, agradecemos as tão amaveis expressões que tiveram comnosco a proposito do **Almanach de Santo Antonio para 1903**.

Vamos archivar algumas d'essas expressões, d'entre muitas, que deveras nos confundem. E com isto prestaremos culto á gratidão e ao reconhecimento, não a meritos proprios que em nós conheçamos.

Almanach de Santo Antonio

(ILLUSTRADO)

PARA 1903

E' um bello volume de duzentas paginas, editado pela empreza da revista que com o titulo de *A Voz de Santo Antonio* se publica em Braga. Custando apenas 250 réis é o mais variado e copioso repositorio que póde ser adquirido, contendo abundantissima, util e instructiva leitura. Nenhum chefe de familia póde offerecer brinde mais valioso a seus filhos; no brilhante almanach occupam grande numero de paginas os contos, anecdotas, historias mudas, e pensamentos piedosos e moraes, tudo recheiado de magnificas gravuras. O *Almanach de Santo Antonio* revela de anno para anno notaveis progressos.

(Correio Nacional — 23 de Dezembro).

E' um dos mais interessantes, completos e recommendaveis almanachs portuguezes, elaborado com o maximo escrupulo e profusamente illustrado. Preço 250 réis.

(Voz da Patria — 30 de Dezembro).

E' uma publicação modelar, que desejariamos vêr apreciada devidamente por todos os catholicos praticos. Excellente leitura, uma secção de illustrações muito attrahentes, anecdotas graciosas, pensamentos de grande elevação moral — um livro precioso. Basta, para se vêr como isto é assim, olhar para algum dos nomes que subscrevem artigos, contos e poesias: João de Deus, Herculano, Battaglia Ramos, Latino Coelho, abbade de Mancellos, Anthero, Bocage, Alberto Teixeira, Candido de Figueiredo, visconde de Poli, visconde de Juromenha, etc., etc.

Entre as gravuras, mencionaremos as do visconde de Poli, e D. Thereza de Saldanha Oliveira e Souza, sendo avultado o numero d'aquellas que representam notaveis villas e mosteiros, e edificios notaveis da nossa terra. Tudo isto, 335 paginas compactas, apenas por 250 réis! E' quasi um prodigio.

Recommendamol-o vivamente aos nossos amigos, sobretudo para fazerem d'elle uma proveitosa propaganda.

(A Nação — 1 de Janeiro de 1903.)

Cá o temos na bibliotheca do Circullo do Porto, ha uns bons quinze dias, á espera de que d'elle digamos alguma coisa. Vontade não nos faltou; mas n'estes dias de festas caseiras e no Circulo, não havia tempo para pensar em bibliographias. Agora, que entramos na normalidade de vida, diremos que já devoramos a sua leitura da primeira á ultima linha. Como sempre, deixou-nos a alma aberta a bons sentimentos com os seus contos e sentenças moraes e fez-nos esfusiar em retumbantes gargalhadas com as suas anecdotas e contos curtos e illustrados. E' um livrinho que, apesar de servir d'almanach, que d'ordinario perde o sabor terminado o anno, se deve conservar sempre, porque nunca perde a opportunidade. E' um vasto arsenal, onde se póde ir buscar material para tudo: para afervorar, para distrahir, para aprender e para provocar o riso em momentos de *spleen*.

São 250 réis bem gastos.

Quem ainda o não tem, compre-o, porque adquire um bom almanach para o anno corrente e fica com um excellente livro para dar a lêr aos filhos e familiares.

Bom serviço fazem os illustrados redactores da *Voz de Santo Antonio* publicando este almanach. Emquanto puderem, e os catholicos se não esquecerem de o comprar, custeando assim as despezas, embora não paguem o trabalho da sua elaboração, é dar-lhes para a frente, meus bons Padres, porque se os homens prégam o calote, não retribuindo amor com amor, Deus lá está, que não deixa sem recompensa um copo d'agua que se dê em seu nome. E o *Almanach* pela sêde que sacia e pela fome que estanca, vale bem por tres milhões de copos d'agua.

Beijamos-lhes as mãos de reconhecimento pela offerta e... perdão pela demora, mas as rabanadas e os espectaculos no Circulo não mettendo em linha de conta uma maldicta constipação, que nos ia mandando para a contracosta, foram a causa de só agora darmos razão de nós.

(Grito do Povo — 10 de Janeiro.)

Não desmerece em nada dos annos anteriores: e n'isto está feito o seu melhor elogio. São 385 paginas que se devoram, acompanhadas de magnificas illustrações, algumas com muita graça.

E' ocioso recommendal-o aos nossos leitores: comprem-no que lhe não impingimos gato por lebre, antes pelo contrario ainda nos agradecerão a lembrança. Custa a modica quantia de 250 réis e acha-se á venda n'esta redacção.

(A Cruz — 11 de Janeiro.)

AVISO

Prevenimos os nossos presados assignantes, quando por qualquer motivo deixem de nos honrar com a sua assignatura, de fazer acompanhar a revista devolvida n'um cartão postal, para nos certificarmos se é devolvida pelo proprio assignante e assim lhe evitarmos o dissabor de ser suspendida involuntariamente.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes, para os demais paizes accresce o importe do correio.